

CONEXÃO

ANO 14 | EDIÇÃO 62
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
SETEMBRO 2025

SAFRA

SETEMBRO
amarelo



O silêncio que
adoece o campo

14º SIMPÓSIO DO PRODUTOR DE Conilon®



ADAPTAÇÃO ÀS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

NOTA: 26/11/2025 ACONTECE TAMBÉM

3º Simpósio de Pesquisas e Tecnologias em *Coffea canephora*

27 NOVEMBRO
2025

UFES
SÃO MATEUS

cafeconilon.com

Realização:



Co-realização:



PATROCINADORES

CONFEA
Conselho Federal de Engenharia
e Agronomia



CREA-ES
Conselho Regional de Engenharia
e Agronomia do Espírito Santo



mutua ES
Caixa de Assistência dos Profissionais do Crea

fapes
Fundaçao de Amparo à Pesquisa
e Inovação do Espírito Santo



COLOMBO



**PREFEITURA
SÃO MATEUS**
ESTADO DO ESPÍRITO SANTO



Defesa Agrícola
Viveriro Marinato



Incaper
Instituto de Pesquisas
e Desenvolvimento Rural



**Rovensa
Next**

SistemaOCB/ES
ASSOCIAÇÃO COOPERATIVA
SOMOS.coop

AMAZON
AgroSciences



F·BASF
We create Chemistry

NICOLI
agronegócios





Joelma Kuster - Empório do Morango

SE TEM TRANSFORMAÇÃO,
TEM SEBRAE.

No Espírito Santo, o Sebrae caminha com quem empreende para fortalecer territórios e gerar novas oportunidades. Do apoio ao pequeno negócio ao impulso no turismo capixaba, o Sebrae ajuda empreendedores a se tornarem protagonistas do desenvolvimento do nosso estado.

0800 570 0800
24h/7 dias

es.sebrae.com.br

SE TEM SEBRAE TEM PROPÓSITO.



08

**SAÚDE MENTAL NO CAMPO:
O SILENCIO QUE ADOECE**



22

**NA TERRA DA PECUÁRIA,
O CAFÉ SE Torna REI**

13

**SAÚDE NO CAMPO LEVA
ATENÇÃO À SAÚDE MENTAL
E FÍSICA DAS FAMÍLIAS RURAIS**

15

**ARTIGO POR ELISABETH SS BARROS
A VOZ SUFOCADA... MATA!**

16

**A URGÊNCIA DO ACOLHIMENTO
E APOIO ÀS FAMÍLIAS RURAIS**



**“RAINHA DA MATA
ATLÂNTICA” VIRA ADUBO,
RAÇÃO E ATÉ “CAFÉ”**

21

**ARTIGO POR SERGIO RODRIGUES
E RENATA APARECIDA LUCAS**

**NEGÓCIO SEM CONTRATO
PROFISSIONAL É COMO PLANTAR
SEM PREPARAR O SOLO OU RECEBER
HÓSPEDES SEM ARRUMAR O QUARTO**

32

**MULHERES DO CACAU LANÇAM
CAFÉ PRÓPRIO EM COLATINA**

34

**cerveja CAPIXABA
DE CALDO DE CANA GANHA
OURO EM COPA SUL-AMERICANA**

36

**AGRICULTURA FAMILIAR: MOTOR
DE RENDA E DESENVOLVIMENTO NO
ESPIRITO SANTO**

38

**SICOOB CREDISUDESTE
APOIA PRODUTORES RURAIS
COM CRÉDITO E INOVAÇÃO**

44

**AGRICULTURA FAMILIAR CAPIXABA
GANHA REFORÇO COM NOVAS
POLÍTICAS PÚBLICAS**

46

**NOVO PROTOCOLO REVOLUCIONA
AVALIAÇÃO DE CAFÉS ESPECIAIS NO
BRASIL**

50

**ARTIGO POR JOHN ADÃO
MAIS CAPIXABA DO QUE NUNCA:
A MAGIA DA FEIRA DOS MUNICÍPIOS**

52

**TARIFAÇO DOS EUA ATINGE AGRO
CAPIXABA E PRESSIONA EXPORTAÇÕES**



Os valores capixabas são a essência do Espírito Santo. Eles nos trouxeram até aqui e vão nos levar ainda mais longe. Estão no respeito, na família, na tradição, no empreendedorismo e na fé. Estão em cada um que ensina, planta e acredita neste estado. Inspirada nesses valores, a Assembleia Legislativa trabalha para criar oportunidades, garantir bem-estar, abrir portas e construir políticas públicas que fazem o Espírito Santo avançar sempre.

**COM A ALES, O ESPÍRITO SANTO CRESCE
E O CAPIXABA SE FORTALECE.**

Aponte a câmera
e conheça mais.



ales.gov.br



[assembleiaesp/](https://www.instagram.com/assembleiaesp/)



[assembleiaesp](https://www.youtube.com/assembleiaesp)



ALEs

Assembleia Legislativa
do Espírito Santo



Kátia Quevedez

Jornalista Responsável - Editora
28 99976 1113 - MTb 18569 RJ

NÃO ESTAMOS "DANDO CONTA"

Às vezes, é necessário tocar no incômodo. Sair do lugar que nos deixa confortáveis.

Buscar novos horizontes, possibilidades. Trabalhar muito, incansavelmente, aprender novas tecnologias, usar novas ferramentas e tornar nossa rotina muito mais produtiva.

Ter uma disciplina tão incrível que você dedique 10, 12, ou até 14 horas do seu dia para o seu trabalho e se torne “alguém na vida”, bem-sucedido, “que chegou lá”, reconhecido e, de preferência, com muitos, até milhões de seguidores na internet. Ai você conquistou o mundo. Parabéns!

Se você é produtor rural, então, busque informação. Agregue valor aos seus produtos. Faça seu plano de negócios, amplie sua atuação, estude muito. Não foque só na produção, acrescente muito à sua propriedade a ponto de se surpreender com tantas conquistas, sem mesmo perceber. Construa sua família e cuide dela. Seja a proteção deles.

Então, quem faz parte da nossa geração (eu sou de 1971, portanto, da Geração X) e os que nasceram até os anos 90, ouviram afirmações como essas quase como um mantra: trabalho, disciplina, foco, força, fé, dedicação; que tudo isso vai te levar ao ponto mais alto do pódio, sim, porque a vida é uma competição onde só os fortes sobrevivem.

Game over. “Fim da linha”. Perdemos! Não foi bem isso que aconteceu.

Estamos vivendo um mundo muito enlouquecido. Doente mesmo. Com a rapidez do avanço da tecnologia e, mais recentemente, da IA, estamos vivendo o ponto doloroso de uma transição. Na verdade, de uma transição para onde mesmo?

Já há algum tempo venho me incomodando com isso. E, quanto mais pessoas compartilho a minha inquietação, mais percebo que estamos todos na mesma. “Não estamos dando conta”.

Precisamos ouvir mais. Prestar mais atenção ao outro. Disponibilizar o que temos de mais precioso: tempo. O que nos faz humanos é o que tem nos robotizado.

Acredito que as palavras-chave sejam outras: a busca

por saúde, equilíbrio, empatia, qualidade, e, logicamente, o estudo, a disciplina, a dedicação, o profissionalismo, mas pontuando a nossa humanidade.

Vamos tentar? Temos muito o que conversar!

SAÚDE MENTAL NO AGRO: O PREÇO OCULTO DA PRODUTIVIDADE

Enquanto o Brasil celebra o agronegócio como motor econômico, longe dos grandes centros urbanos, a realidade impõe um alto custo mental aos produtores rurais. A pressão incessante por produtividade, tecnologia e expansão de negócios traduz-se em uma crise silenciosa de depressão, ansiedade e índices de suicídio maiores que a média nacional.

EM ESSÊNCIA, A CRENÇA DE QUE TRABALHO, DISCIPLINA, FOCO E DEDICAÇÃO LEVARIAM AO SUCESSO ("O PONTO MAIS ALTO DO PÓDIO") FALHOU DIANTE DO RITMO FRENÉTICO E DA INCERTEZA DO MUNDO ATUAL, FAZENDO COM QUE A GERAÇÃO SINTA QUE "PERDEMOS!" E QUE NÃO CONSEGUE ACOMPANHAR.

CONEXÃO SAFRA

A exaustão emocional vivenciada pelo campo reflete o fracasso do antigo mantra social – difundido especialmente entre as gerações nascidas até os anos 90 – que prometia o sucesso ("o ponto mais alto do pódio") em troca de trabalho incansável, disciplina e foco. Para o agricultor, essa corrida pela prosperidade expõe uma vulnerabilidade que não cessa.

A COMPETIÇÃO DE ALTO RISCO NO CAMPO

O produtor rural enfrenta uma competição amplificada por fatores incontroláveis. A busca por agregar valor e ampliar a atuação exige constante investimento e endividamento, sem que a imprevisibilidade climática ou a oscilação de mercado possam ser dominadas por planos de negócios.

Esse cenário de alto risco e incerteza, somado ao isolamento geográfico e ao acesso restrito a serviços de saúde mental, cria um ambiente propício ao adoecimento psíquico. O sentimento de que "não estamos dando conta" é generalizado

no meio rural, onde a cultura da "força" e da resiliência impede a busca por ajuda. O sofrimento é internalizado, e o silêncio avança.

SETEMBRO AMARELO E O DEVER DA AGRO IMPRENSA

É neste contexto que o Setembro Amarelo ganha uma relevância crucial no setor agropecuário. A campanha de prevenção ao suicídio confronta diretamente o tabu imposto pela própria glorificação do "agro forte".

A imprensa ligada ao agronegócio (Agro Imprensa) tem um papel decisivo na quebra desse silêncio. Por anos, o foco quase exclusivo em recordes e lucratividade deixou o sofrimento humano dentro da porteira à margem.

Tocar na questão da saúde mental do produtor não é apenas um ato de solidariedade, mas uma responsabilidade social e uma necessidade estratégica. O setor só se manterá sustentável e forte se o seu alicerce fundamental – o ser humano – estiver saudável.

A transição dolorosa que a sociedade vive, acelerada pela tecnologia e pela Inteligência Artificial, exige que o setor troque o foco na "competição onde só os fortes sobrevivem" pela escuta empática e pelo acolhimento fraterno como forma essencial de apoio e prevenção à vida.

COLABORADORES DA EDIÇÃO



Fernanda Zandonadi
Repórter



John Adão
Articulista



Leandro Fidelis
Repórter



Rosimeri Ronquetti
Repórter



Sérgio Rodrigues Dias Filho
Articulista



Elisabeth SS Barros
Articulista



Renata Aparecida Lucas
Articulista



Daiane Ola / Redes Sociais



Luan Ola / Projeto Gráfico e Diagramação

Circulação: Nacional
Edição 62: Setembro 2025
Foto de Capa: Gerada pela Inteligência Artificial

Endereço para correspondência
REVISTA CONEXÃO SAFRA
RUA RIO GRANDE DO SUL, 254
PAVIMENTO 2 - CENTRO
- GUAÇUÍ - ES
CEP: 29.560-000

Consultoria Jurídica
DIAS FILHO & LUCAS
Sérgio Rodrigues Dias Filho
- OAB ES 18.627

Anuncie
Comercial - 28 99976 1113
comercial@conexaosafra.com

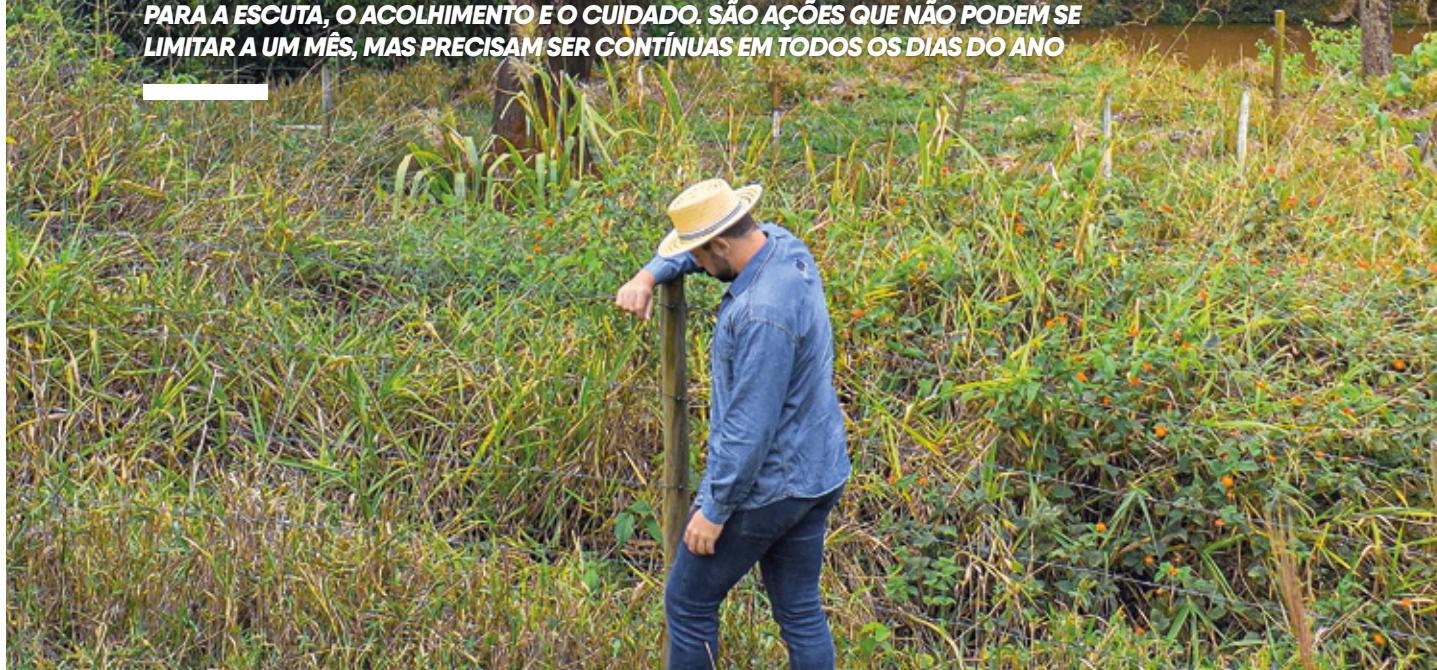
A revista Conexão Safra
é uma publicação da CONTEXTO
CONSULTORIA
E PROJETOS EIRELI-ME
CNPJ: 06.351.932/0001-65

Instagram: @conexaosafra

Sugestão de conteúdo
jornalismo@conexaosafra.com

Saúde mental no campo: o silêncio que adoece

O SETEMBRO AMARELO HÁ DE SER UM CHAMAMENTO DIÁRIO E PERMANENTE PARA A ESCUTA, O ACOLHIMENTO E O CUIDADO. SÃO AÇÕES QUE NÃO PODEM SE LIMITAR A UM MÊS, MAS PRECISAM SER CONTÍNUAS EM TODOS OS DIAS DO ANO



LEANDRO FIDELIS
jornalismo@conexaosafra.com

O campo sempre foi associado à tranquilidade, ao contato com a natureza e a um ritmo de vida mais sereno. No entanto, essa imagem bucólica esconde uma realidade alarmante: o crescente sofrimento mental de quem vive e trabalha na zona rural. No Espírito Santo, os sinais desse adoecimento emocional se multiplicam, especialmente na região Serrana, onde o isolamento, o uso de agrotóxicos e o clima frio intensificam o problema.

De acordo com o último Boletim Epidemiológico da Secretaria de Estado da Saúde (Sesa), publicado em 2019, as taxas de suicídio no estado se mantiveram estáveis até 2016, mas começaram a crescer a partir de 2017,

alcançando 5,20 e 5,82 por 100 mil habitantes em 2017 e 2018, respectivamente. A maioria dos casos ocorre em municípios do interior, sendo as principais vítimas homens entre 30 e 59 anos. Também chama atenção o aumento dos registros entre adolescentes de 15 a 19 anos.

Os dados preocupam ainda mais quando cruzados com informações de outras fontes desta reportagem. Um dos entrevistados relata que o Hospital Estadual de Urgência e

Emergência Jayme dos Santos Neves, na Serra, recebe em média três pacientes por semana vítimas de tentativa de suicídio, a maior parte deles oriundos do interior. Esses números são apenas a ponta do iceberg de um problema profundo e muitas vezes invisível: o adoecimento emocional de quem vive no campo.

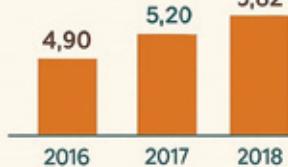
Quem vivencia essa realidade de perto é o médico André Sueth Assumpção, pós-graduado em psiquiatria, que atende há mais de sete anos na região Serrana. O médico relata um aumento expressivo

*Arte: DALL-E-3

FOTO LEANDRO FIDELIS

SAÚDE MENTAL NO CAMPO: os números do silêncio

TAXA DE SUICÍDIOS NO ESPÍRITO SANTO (POR 100 MIL HABITANTES)



FATORES APONTADOS

Isolamento
socialUso de
agrotó-
xicosPressão
econômica

PERFIL DAS VÍTIMAS

- Maioria: homens de 30 a 59 anos
- Crescimento preocupante: adolescentes de 15 a 19 anos

FATORES APONTADOS

- Isolamento social
- Uso de agrotóxicos



da demanda por atendimento psiquiátrico nos últimos anos, especialmente após a pandemia, para tratar depressão, ansiedade e crises de pânico.

Segundo ele, o sofrimento mental atinge diferentes grupos, principalmente descendentes de imigrantes europeus como italianos, pomeranos e alemães, marcados por uma cultura mais fechada. O isolamento social, o frio constante e o ambiente cinzento favorecem quadros depressivos. Suicídios ainda são frequentes na região, especialmente por enforcamento ou ingestão de agrotóxicos como o chumbinho.

“Muitas vezes os pacientes fazem contato comigo pelo Instagram ou WhatsApp fora do horário de atendimento. Uma vez, um deles me enviou mensagem

de madrugada dizendo estar com fortes pensamentos de matar a própria mãe. Quando você lê, fica em choque e não sabe nem o que falar. É um susto!”, relata Assumpção.

O impacto não se limita a quem adoce diretamente. As famílias também sofrem. O médico lembra de uma mãe que acompanhava o filho esquizofrênico em tratamento e que, algum tempo depois, tirou a própria vida. “É um efeito em cadeia. Quando um membro da família adoce, todos são afetados”, ressalta.

Assumpção reconhece o peso emocional de seu trabalho e a importância de também cuidar da própria saúde mental para continuar atendendo. “Se a gente não tiver um santo forte e não cuidar da saúde mental, acaba ficando doente também. Por isso, faço terapia, tenho



André Sueth Assumpção, pós-graduado em psiquiatria

acompanhamento com psicoterapeuta e prático atividade física, porque a carga negativa recebida durante o dia é intensa. É preciso se cuidar mesmo. Há relatos de médicos da área de psiquiatria cometendo suicídio”, afirma.

O médico reforça um recado importante: “Procure ajuda sempre que possível, não fique em silêncio. Falar é essencial”.

O MÉDICO REFORÇA UM RECADO IMPORTANTE: “PROCURE AJUDA SEMPRE QUE POSSÍVEL, NÃO FIQUE EM SILENCIO. FALAR É ESSENCIAL”

'O POVO ESTÁ ADOECIDO'

Outro que acompanha de perto essa crise silenciosa é o *pastor Miquéias Holz*, que atua em Santa Maria de Jetibá e considera a situação grave. Em sua atuação pastoral, na região de Rio Possessor, Holz tem se deparado cada vez mais com casos de depressão profunda, ansiedade e ideação suicida em áreas rurais.

PASTOR LUTERANO ALERTA PARA EPIDEMIA DE SOFRIMENTO PSICOLÓGICO NO MEIO RURAL

ACERVO PESSOAL



O pastor se diz alarmado com a frequência com que essas situações surgem em conversas casuais ou durante visitas comunitárias.

Para ele, há três fatores principais por trás desse cenário: desestruturação familiar, relações humanas fragilizadas e uso de agrotóxicos. Ele observa que muitas famílias estão desconectadas e que os laços comunitários, antes fortes no período pré-pandemia, vêm se perdendo. “O povo está adoecido. Tenho trabalhado isso nas celebrações em diversos momentos da igreja e tocado nesta tecla”, afirma.

Além disso, chama atenção para a forma como as crianças estão sendo criadas, muitas vezes sem enfrentar frustrações. “Isso impede o amadurecimento emocional. Quando surgem os primeiros desafios da vida adulta, muitos não sabem como lidar”, diz. Ele também critica o modelo agrícola que prioriza produtividade à custa da saúde, com o uso frequente de venenos que, segundo ele, também afetam o equilíbrio emocional das pessoas.

Entre as experiências mais difíceis enfrentadas pelo pastor Miquéias está a de realizar cerimônias fúnebres de pessoas que tiraram a própria vida. Ele descreve esses momentos como dolorosos e delicados, tanto para os familiares presentes quanto para ele, enquanto ministro religioso. “É um momento muito doloroso. A gente busca trazer consolo, uma palavra de esperança para a família, mas emocionalmente é muito difícil para todos nós”, relata.

Além da dor da perda, há o desafio teológico de lidar com preconceitos e crenças rígidas. O pastor explica que, embora existam interpretações bíblicas que associam o suicídio à condenação eterna, ele prefere enfatizar a misericórdia divina.

Miquéias reconhece que o suicídio deixa uma ferida profunda nas famílias e comunidades e, por isso, além do funeral em si, há um trabalho contínuo de acompanhamento do luto. Ele relata o caso de uma jovem de Santa Maria de Jetibá cuja família viveu um suicídio traumático. A dor levou a questionamentos intensos sobre a fé, mas também à transformação. Hoje, essa jovem estuda teologia e sonha em ser pastora, justamente para ajudar outras famílias a encontrar respostas e acolhimento em momentos semelhantes. “Ela deu novo sentido à dor”, afirma.

SUPERAÇÃO

A esperança está nas pequenas ações que resgatam o senso de comunidade. O pastor Miquéias relata um

*FOTO: WANDA FERRERA/DIVULGAÇÃO



A jornada de autoconhecimento de Alan Pizzol (de pé na foto), que passou por experiências urbanas e internacionais até o retorno à vida simples na roça com a família, mostra que a reconexão com a natureza e com os ciclos saudáveis do campo pode ser um caminho de cura, mas ele reforça que isso só é possível quando há abertura para o diálogo e busca por ajuda profissional

caso marcante de um viúvo que entrou em depressão profunda após a morte da esposa. A comunidade se mobilizou, cuidou da roça dele, ofereceu apoio. “Isso o salvou. Ele voltou a sorrir. O cuidado coletivo transforma vidas”, diz.

Da localidade de Barcelos, em Domingos Martins, vem outra história de superação. O agricultor *Alan Pizzol* enfrentou um período difícil na juventude. Aos 18 anos, foi diagnosticado com depressão, crises nervosas e amnésia. No início, resistiu ao tratamento, e a situação se agravou durante o período em que morou em Portugal, longe da família.

A aceitação do tratamento psicológico e psiquiátrico foi



um desafio, não só por conta do estigma pessoal, mas também pelo ambiente cultural em que cresceu. O peso do silêncio e da negação dentro da própria família, especialmente vindo do avô — filho de italianos — que não aceitava doenças emocionais como legítimas, reflete uma

mentalidade enraizada em que o sofrimento psicológico é visto como fraqueza.

“Tem muita gente que não consegue se abrir com a própria família, mas desabafa com um estranho na fila do banco. Isso precisa mudar. Precisamos normalizar o sofrimento e o pedido de ajuda”, defende.

Foi ao retornar ao sítio dos pais que Pizzol encontrou forças para se reerguer. “Voltar para a roça me salvou. Dormir cedo, beber água da nascente, comer sem veneno, cuidar da horta, conviver com os animais. Isso tudo foi essencial”, relembra.

Essa experiência o levou a transformar a propriedade da família em um espaço de agroecologia e bem-estar. Hoje, além de cultivar sem agrotóxicos, Alan recebe visitantes para trilhas, vivências e rodas de conversa. Ele acredita que o contato com a natureza e o resgate dos vínculos comunitários são fundamentais para a saúde mental.

ENTRE O SILENCIO E A CURA: ROMPENDO TABUS

DIVULGAÇÃO



Rúbia de Souza, psicóloga

No contexto rural, a saúde mental ainda é um tema cercado por silêncio e resistência. A cultura tradicional, marcada por valores como força, resiliência e produtividade, muitas vezes impede que as pessoas se permitam sentir e expressar suas emoções.

“Por serem muito tradicionais, as famílias de origem europeia da região Serrana têm o aspecto cultural de que precisam ser fortes, que não podem demonstrar fraqueza, que o trabalho vem em primeiro lugar”, explica a psicóloga Rúbia de Souza, descrevendo um cenário em que o diálogo sobre sentimentos é escasso ou inexistente.

A rotina árdua no campo, somada à falta de apoio profissional, faz com que muitos não

reconheçam ou não aceitem a necessidade de cuidar da mente. Mesmo quando conseguem se expressar, “não são compreendidos porque têm muito trabalho, muita coisa para resolver e não podem parar”.

Um dos reflexos mais graves desse silêncio é o alcoolismo, especialmente entre os homens. “O alcoolismo traz impacto muito negativo para o ambiente rural, principalmente com relação aos conflitos familiares.” O uso excessivo de álcool, além de afetar a saúde física, rompe laços afetivos e alimenta ciclos de violência — muitas vezes silenciados ou normalizados. “Muitos homens acabam perdendo suas famílias por conta do uso excessivo de álcool.”

E mesmo diante do sofrimento, a resistência ao tratamento permanece. Rúbia alerta que “às vezes bebem os seus próprios sentimentos”, e por isso é essencial abordar o tema de forma sensível e estratégica, aproveitando espaços como os postos de saúde e eventos comunitários para promover informação e acolhimento.

A pandemia de Covid-19 provocou uma mudança significativa na forma como a saúde mental é percebida, inclusive no meio rural. “O consultório ganhou um perfil de pacientes que

não nos procuravam por medo, preconceito, achando que saúde mental é bobeira, falta de fé, de Deus”, afirma a psicóloga. No entanto, diante de perdas e sintomas persistentes, muitos começaram a buscar ajuda e a perceber o cuidado psicológico como parte da saúde integral.

A fala acolhedora do profissional e o uso adequado da medicação mostram que “o medicamento não vai transformar aquela pessoa, mas sim reestruturar uma questão fisiológica que está desregulada”. Esse despertar tem incentivado mudanças no seio das famílias rurais, rompendo com o padrão do silêncio.

Esse movimento, embora recente, aponta para uma transformação profunda e necessária. “Vejo muito também que pacientes com bons resultados vêm quebrando esse estigma e incentivando seus familiares a buscarem auxílio”, relata Rúbia, indicando que o tabu está sendo, aos poucos, desconstruído. Essa nova geração, mais aberta ao diálogo e ao cuidado emocional, entende que “saúde mental não é frescura, é algo sério”, e que o equilíbrio interno é essencial para lidar com os desafios da vida e realizar seus projetos.

Valorizar esse despertar é essencial para que o meio rural deixe de ser apenas cenário de trabalho e dureza, tornando-se também espaço de cura, afeto e reconstrução.

Saúde no Campo leva atenção à saúde mental e física das famílias rurais

_FERNANDA ZANDONADI
_jornalismo@conexaosafra.com

A saúde mental dos produtores rurais tem ganhado espaço nas políticas de atendimento do campo. Com o lançamento do programa Saúde no Campo, o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural do Espírito Santo (Senar-ES) busca ampliar o olhar para além das consultas de rotina, levando assistência física e psicológica a agricultores e suas famílias.

O projeto, criado pelo Sistema CNA/Senar, inclui visitas domiciliares e acompanhamento via celular, por meio do Telessaúde no Campo, com equipes formadas por técnicos de saúde rural preparados para identificar questões relacionadas ao bem-estar mental. A proposta é suprir uma lacuna de atenção ao público rural, muitas vezes distante de serviços especializados.

“O meio urbano recebe mais atenção, mas o rural fica esquecido. E não esta-

mos falando apenas dos adultos: adolescentes e jovens também têm enfrentado problemas graves, como o uso de drogas e alcoolismo. É um desafio que impacta toda a família e até mesmo o processo de sucessão no campo”, explica a superintendente do Senar-ES, Letícia Simões.

O programa atua de forma preventiva, acolhendo o trabalhador rural e oferecendo orientação. Segundo Letícia, cada visita deve atender não apenas o produtor, mas também os familiares e funcionários da propriedade. “Se um produtor tem dez trabalhadores, todos serão avaliados. É um aten-



Letícia Simões, superintendente do Senar-ES



O programa Saúde no Campo, inclui visitas domiciliares e acompanhamento via celular, por meio do Telessaúde no Campo

dimento que chega a quem realmente precisa, diretamente na comunidade rural", detalha.

Além do acompanhamento mensal, o Saúde no Campo também prevê ações integrativas, em parceria com sindicatos rurais e instituições de saúde, para ampliar a rede de apoio. O foco é garantir diagnósticos precoces, orientar sobre problemas de saúde mental e encaminhar casos mais complexos para acompanhamento especializado.

Para a superintendente, o programa responde a uma necessidade urgente. "Percebemos que nossos técnicos da assistência, muitas vezes, acabavam virando 'psicólogos' sem formação específica, porque o produtor rural desabafava sobre questões pessoais e até sintomas de depressão. Agora, teremos

profissionais capacitados para ouvir, orientar e encaminhar esses casos. É um passo importante para que o homem e a mulher do campo tenham acesso a um cuidado completo."

O Saúde no Campo já está em andamento no Espírito Santo e deve contemplar inicialmente 450 produtores, com expansão prevista para os próximos anos. Outra novidade é a chegada de um programa complementar, que pretende atuar

também nos distritos rurais mais isolados, onde o acesso a agentes de saúde é precário.

Com isso, o Senar-ES espera reduzir índices de adoecimento silencioso no campo, muitas vezes agravados pela solidão, pela sobrecarga de trabalho e pela falta de informação.

"Cuidar do corpo é importante, mas cuidar da mente é urgente. É isso que queremos levar ao campo: informação, acolhimento e acesso à saúde de verdade", reforça Letícia Simões.

COMISSÃO APROVA POLÍTICA NACIONAL DE SAÚDE MENTAL PARA AGRICULTORES FAMILIARES

VINICIUS LOURES/CÂMARA DOS DEPUTADOS



“O número de suicídios na agropecuária é maior do que em outras áreas produtivas

A Comissão de Agricultura da Câmara dos Deputados aprovou o Projeto de Lei 1751/25,

do deputado Leo Prates (PDT-BA), que cria a Política Nacional de Saúde Mental para a Agricultura Familiar. A proposta busca prevenir, tratar e reabilitar transtornos mentais em populações rurais.

O programa prevê acolhimento em unidades básicas de saúde, terapia comunitária, campanhas educativas e prevenção ao suicídio, além de parcerias com instituições especializadas.

O relator, deputado Alexandre Guimarães (MDB-TO), destacou que agricultores enfrentam isolamento, dificuldades econômicas e pressão por produ-

tividade, fatores que elevam o risco de doenças mentais e suicídios. "O número de casos na agropecuária é maior que em outras atividades e cresce a cada ano", afirmou.

A política poderá ser coordenada pelo Ministério da Saúde, em conjunto com a Rede de Atenção Psicosocial do SUS, com recursos previstos no orçamento e no Plano Plurianual.

O projeto tramita em caráter conclusivo e seguirá para análise das comissões de Saúde; Finanças e Tributação; e Constituição e Justiça. Para se tornar lei, ainda precisa da aprovação da Câmara e do Senado.

**Elisabeth SS Barros**

Bacharel em Direito – Estácio de Sá – Rio de Janeiro
Montanhista e Ciclista. Poeta nas horas de inspiração. Amante da natureza.

A VOZ SUFOCADA... MATA!

No Brasil, uma vida se apaga a cada 45 minutos pelo suicídio. E, para cada morte, existem outras vinte tentativas. Números que gritam, mas que ainda são silenciados. Há nove meses, um primo querido deixou a vida escapar... Há três anos, dois jovens que vi crescer (filhos de amigas que são irmãs do coração) também silenciaram sua existência. Crianças... sim, ainda crianças. Já sabiam se comunicar, mas não encontraram voz para expressar suas dores.

Enquanto você lê estas linhas, em algum lugar alguém está escolhendo o silêncio ilusório das dores da alma... A verdade é que a indiferença pesa. A ausência de um olhar atento pode aumentar esses números.

Li em algum lugar o seguinte: "Você ouve em silêncio para compreender, ou em silêncio apenas para responder?"

A pergunta ficou ecoando por dias na minha cabeça. Voltei à adolescência, às conversas que tive e às que deixei de ter... E então pensei: Quantas vezes perguntamos "Como vai você?" sem real desejo de ouvir a resposta? Quantas vezes sentamos para escutar alguém com o coração aberto? Quantas vezes ouvimos para entender, e não apenas para responder?

Entendi que: muitos são bons em oratória. Mas



pouquíssimos em "escutatória"? Sim, porque ouvir é uma arte, quase um dom.

O silêncio que entende é acolhedor e abraça ternamente, só com um olhar. Mas o silêncio que apenas espera a própria fala pode ferir – e, por vezes, matar. Quem sofre precisa falar. Quem acolhe precisa escutar. É tempo de resgatar um olhar de interesse. Um olhar sem julgamento. Um olhar que comprehende. Um olhar fraterno. É tempo de oferecer empatia. De não medir a dor alheia, nem compará-la à nossa. De sentar sem pressa ao lado de um amigo.

Deixando o silêncio fraterno invadir a alma de ambos. E então, uma conexão forte de amizade e carinho vai forjando uma armadura de amor que embala a dor e alivia as angústias.

Ao contrário do que já disse o poeta, sim: todos somos diferentes quando sentimos dor. Cada um sente de uma forma única.

É tempo de ouvir com o coração. De tentar aliviar a dor que sufoca o peito. De valorizar o que temos de mais precioso: a vida. A dor que cala a voz, que abafa o querer viver, é a mesma que tira milhões de vidas pelo mundo. Por isso, é hora de ouvir com interesse verdadeiro. É hora de valorizar a vida, enquanto ela ainda caminha ao nosso lado.

É TEMPO DE OUVIR COM O CORAÇÃO. DE TENTAR ALIVIAR A DOR QUE SUFOCA O PEITO. DE VALORIZAR O QUE TEMOS DE MAIS PRECioso: A VIDA.

A urgência do acolhimento e apoio às famílias rurais

FERNANDA ZANDONADI
jornalismo@conexaosafra.com

Discutir saúde mental deixou de ser tabu e passou a ser necessidade também no meio rural. Para a editora da Conexão Safra, Kátia Quedevez, o tema precisa ganhar espaço no debate público, nas políticas de apoio ao produtor e também no jornalismo especializado em agronegócio.

“Estamos há 14 anos comunicando sobre o agro e, ao longo dessa trajetória ouvimos relatos muito fortes, especialmente de mulheres, que sentem a sobrecarga de não dar conta de tudo”, afirma Kátia.

Ela lembra que, além dos desafios já conhecidos do setor — como intempéries climáticas, insegurança na comercialização e contato frequente com produtos químicos —, há a questão da sucessão familiar. “Muitas vezes, filhos e netos não querem continuar na terra, e isso pesa ainda mais sobre quem está no campo”, acrescenta.

Segundo Kátia, as mulheres enfrentam um acúmulo ainda maior de responsabi-

lidades. “Quando você olha para a produtora rural, além dos problemas do segmento, ela tem a rotina da casa, dos filhos e dos netos. Esse fardo vai se acumulando ao longo do tempo e pode levar ao adoecimento”, destaca.

A jornalista observa que, mesmo entre produtores bem-sucedidos, o sofrimento silencioso é uma realidade. “Tenho visto casos de campeões de concursos que voltam para casa premiados, cheios de energia positiva, mas se deparam com a rotina pesada da roça e entram em depressão”, conta.

Para ela, o tema se tornou ainda mais evidente após a leitura da reportagem que é capa desta

edição, assinada pelo jornalista Leandro Fidelis, sobre os altos índices de suicídio em municípios do interior capixaba. “Senti a urgência de focar no assunto ao ler os relatos dos produtores, que se sentem sobrerecarregados. Líderes religiosos também deram seus testemunhos sobre as tantas cerimônias de despedida de pessoas que tiraram a própria vida. E quando consultamos pesquisas, percebemos que os índices de depressão e ansiedade no campo são ainda maiores do que nas cidades. É um paradoxo: todos querem viver no lugar calmo e tranquilo, mas, na prática, a realidade rural pode ser dura e solitária”, afirma.

Kátia reforça que o desafio é maior porque,

A promoção da saúde mental no campo exige sair dos centros urbanos, entender o cotidiano das pessoas do campo, adequar os serviços à sua realidade de acesso e trabalhar em conjunto com outras políticas públicas e as próprias comunidades. Ações que promovam principalmente a busca para que as pessoas saiam do isolamento social e busquem práticas de autocuidado, desafiadoras no meio rural, principalmente para os homens.



diferentemente do trabalhador urbano, o produtor rural muitas vezes não tem a opção de se afastar.

“Na cidade, alguém com carteira assinada que adoece, pode se afastar do trabalho e se cuidar. Mas, no campo, não existe esse tempo remunerado. O produtor pode estar com depressão, ansiedade ou síndrome do pânico, mas mesmo assim precisa dar comida para os animais, cuidar da roça, dirigir o beneficiamento do café. Ele não pode parar”, ressalta.

A editora acredita que o papel da comunicação é essencial para jogar luz sobre o problema e abrir caminhos de acolhimento. “A ideia é mostrar que isso existe, que

está diante dos nossos olhos, e ouvir quem já conseguiu superar situações de adoecimento. Vamos continuar a falar sobre isso, conversar com psicólogos, psiquiatras, terapeutas, líderes religiosos e, principalmente, com os produtores. A saúde mental do homem e da mulher do campo precisa estar no centro do debate”, defende.

A Conexão Safra, segundo Kátia, prepara uma série de conteúdos voltados ao tema, em sintonia com iniciativas como o Saúde no Campo, programa do Senar-ES que leva assistência à saúde física e mental das famílias rurais. “O trabalho da Safra sempre foi dar protagonismo ao produtor, mas agora precisamos ampliar esse olhar: um produtor só pode



ser protagonista de verdade se estiver com a mente saudável”, conclui.



— Kátia Queclevez, editora da Conexão Safra, reforça a urgência de discutir saúde mental no campo e oferecer apoio às famílias

O ESPÍRITO SANTO É REFERÊNCIA NO TURISMO RURAL. AGORA CHEGOU A SUA VEZ DE FAZER PARTE DESSA HISTÓRIA!

O Anuário do Agronegócio Capixaba 2025 – Especial Turismo Rural será a grande vitrine para destacar sua marca e mostrar o melhor do seu negócio para todo o Brasil.

Participe desta edição histórica que conecta tradição, inovação e grandes oportunidades de negócios.

Informações: (28) 99976-1113
katiaqueclevez@gmail.com

QUEM PLANTA VISIBILIDADE, COLHE DESENVOLVIMENTO

ANUÁRIO DO
AGRONEGÓCIO
CAPIXABA



“Rainha da Mata Atlântica” vira adubo, ração e até “café”

FOTOS ARQUIVO PESSOAL



***FERNANDA ZANDONADI
E ROSI RONQUETTI***
jornalismo@conexaosafra.com

“Ela serve de alimento e abrigo para diversas espécies, é de valor nutricional riquíssimo, tem importância cultural para comunidades tradicionais e ainda proporciona uma beleza cênica única.”

A descrição de Fabiana Ruas, extensionista do Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper), sobre a palmeira juçara (*Euterpe edulis*), não deixa dúvidas: com tantas qualidades, a

planta é mesmo a rainha da Mata Atlântica.

Nativa do bioma, a juçara não é apenas símbolo de biodiversidade. “É uma indicadora de ambiente de qualidade e tem valor imenso para a agricultura familiar. Estima-se que cerca de 200 produtores estejam envolvidos com a produção de juçara, resultando em 900 toneladas de frutos e 700

toneladas de polpa, além de diversos outros produtos”, afirma Fabiana, ao comentar a importância do cultivo em Rio Novo do Sul, município que recebeu o título de Capital Estadual da Juçara por meio da Lei nº 11.583. A cidade lidera atualmente uma das cadeias produtivas mais promissoras e sustentáveis do Espírito Santo.

A DEMANDA AUMENTOU, E HOJE O ADUBO É VENDIDO PARA MUNICÍPIOS COMO CARIACICA, SANTA TERESA, DOMINGOS MARTINS, ICONHA, ALFREDO CHAVES, MIMOSO DO SUL, CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM, VARGEM ALTA E O PRÓPRIO RIO NOVO DO SUL

O QUE É A PALMEIRA JUÇARA

Para além de sua relevância econômica, a palmeira juçara exerce papel fundamental na manutenção

dos ecossistemas florestais. Seus frutos alimentam aves, mamíferos e diversas outras espécies da fauna. Visualmente semelhante ao açaí da Amazônia, o fruto da juçara tem alto valor nutricional e pode ser aproveitado na produção de polpas, sucos, geleias, sorvetes e outros derivados — fomentando o desenvolvimento sustentável e a geração de renda para pequenos produtores.

A extração do palmito, no entanto, é proibida, pois resulta na morte da planta, que integra a lista de espécies ameaçadas de extinção. A alternativa legal e sustentável é o aproveitamento do fruto, cuja cadeia produtiva vem sendo incentivada por políticas públicas e iniciativas locais.

A EXPERIÊNCIA DE ROZALI E EVANILÇO SCHAIDER

Moradores da comunidade de Virgínia Nova, na zona rural de Rio Novo do Sul, Rozali Fortuna Schaider, de 46 anos, e Evanilço Santo Castelarie Schaider, de 50, são exemplos de como o cultivo da juçara pode transformar a vida de agricultores familiares. Com mil pés em produção e outras mil mudas recém-plantadas, o casal investiu na diversificação de produtos e na industrialização da matéria-prima.

A motivação veio de uma necessidade ambiental. “O dono da fábrica de polpas



nos procurou pedindo ajuda com um problema ambiental causado pelo excesso de resíduos da produção”, conta Evanilço. Ele passou, então, a testar o aproveitamento das sementes — secando, torrando e moendo — até chegar a um pó com potencial nutricional. Foram 19 dias de testes, realizados inicialmente com um torrador manual.

Os resultados surpreenderam. “Fizemos análises e vimos que o produto tinha muitos nutrientes. A partir daí, decidimos investir”, relata. O casal firmou sociedade com o empresário Pedro Bortolotti e sua esposa, criando as marcas Grão Juçara Brasil e Juçara Nutrição Animal.

ADUBO, RAÇÃO E “CAFÉ” DE JUÇARA

O primeiro produto desenvolvido foi um adubo orgânico, que começou a ser testado em 2018 e teve seu registro oficializado em 2021. “O maior desafio foi provar para os produtores que o adubo realmente funcionava”, lembra Evanilço. Para isso, ele aplicou o produto

nas próprias lavouras de café, banana e cítricos. Após 90 dias, os resultados — em qualidade e produtividade — chamaram a atenção da vizinhança.

A demanda aumentou, e hoje o adubo é vendido para municípios como Cariacica, Santa Teresa, Domingos Martins, Itonha, Alfredo Chaves, Mimoso do Sul, Cachoeiro de Itapemirim, Vargem Alta e o próprio Rio Novo do Sul.

Outro investimento foi na produção do pó de juçara para consumo humano, semelhante ao café. “Pode ser coado ou feito em cafeterias. Também pode ser usado em bolos, pudins, doces e misturado ao leite”, explica Evanilço. O produto está em processo de registro na Anvisa.

Além disso, desenvolveram uma ração animal feita a partir do caçoço do fruto, com um processo de secagem distinto do utilizado para o pó. A ração já foi registrada no Ministério da Agricultura, e o casal se prepara para iniciar a produção em fábrica própria, prevista para começar a operar em agosto.

SUSTENTABILIDADE E INOVAÇÃO

Sem formação técnica, o casal enfrentou desafios desde o início. “Pensamos em desistir muitas ve-

RIO NOVO DO SUL, VARGEM ALTA, CONCEIÇÃO DO CASTELO, SANTA TERESA, MARECHAL FLORIANO, MUNIZ FREIRE E IBATIBA SE DESTACAM NA REDE JUÇARA

zes, principalmente pelas dificuldades nas análises técnicas. Mas, com perseverança, superamos tudo. Hoje temos técnicos que trabalham conosco, mas todos os processos de desenvolvimento foram feitos por nós", afirma Rozali.

O investimento total — entre testes, análises, equipamentos e estrutura da fábrica — ultrapassa R\$ 850 mil. Parte dos resíduos utilizados era, inicialmente, compostada por até sete anos antes de virar adubo. Com o avanço das tecnologias e melhorias nos processos, o ciclo foi

encurtado, com eficiência e sustentabilidade.

O uso do grão torrado em rebanhos confinados também mostrou resultados positivos, aumentando a procura. "Está apresentando um resultado muito bom para o gado de leite e de corte", afirma Evanilço, que já exporta o grão para um parceiro comercial.

REDE JUÇARA-ES

A atuação do casal faz parte de uma mobilização mais ampla. Desde março de 2022, o Incaper coordena a Rede Juçara-ES, um fórum de debates sobre a cadeia produtiva da juçara com o objetivo de fortalecer os deriva-

dos do fruto no mercado nacional e internacional.

Além de Rio Novo do Sul, fazem parte da rede outros 24 municípios capixabas, com destaque para Vargem Alta, Conceição do Castelo, Santa Teresa, Marechal Floriano, Muniz Freire e Ibatiba.

Para Fabiana Ruas, o sucesso da cadeia produtiva da juçara no Espírito Santo é uma demonstração de que conservação ambiental, cultura tradicional e geração de renda podem andar juntas.

"A juçara é muito mais do que uma planta: é um símbolo de resistência e de possibilidades para o campo e para a floresta", resume.

Moradores da comunidade de Virgínia Nova, na zona rural de Rio Novo do Sul, Rozali Fortuna Schaider, de 46 anos, e Evanilço Santo Castelarie Schaider, de 50, são exemplo de como o cultivo da juçara pode transformar a vida de agricultores familiares





Sergio Rodrigues Dias Filho e Renata Aparecida Lucas

Sergio Rodrigues Dias Filho, OAB/ES 18.627. Renata Aparecida Lucas, OAB/ES 7.642. Sócios do DIAS FILHO & LUCAS, escritório de consultoria jurídica especializado em agronegócios e turismo rural. Mais informações em: contato@diasfilhoelucas.com.br

NEGÓCIO SEM CONTRATO PROFISSIONAL É COMO PLANTAR SEM PREPARAR O SOLO OU RECEBER HÓSPEDE SEM ARRUMAR O QUARTO

Você já ouviu aquele ditado: “É melhor prevenir do que remediar?” Pois é, volta e meia surgem situações que, de forma nada sutil, nos lembram que raramente estamos preparados para os imprevistos em uma relação contratual – seja com clientes, seja com fornecedores.

Agora, imagine se essa relação for baseada em um contrato mal feito, mal cuidado ou mesmo inexistente? Convenhamos: é como plantar sem preparar o solo – pode até nascer alguma coisa, mas as chances de perder a colheita são enormes.

Devemos lembrar que, se os imprevistos não estão devidamente regulados no contrato, os tribunais têm sido bem claros: não adianta dizer que o mercado mudou, que os insumos acabaram, que o governo interveio ou que o dólar disparou. Não haverá justificativa para o descumprimento das obrigações.

E aí, já parou para pensar se você também não está correndo riscos desnecessários? Anda comprando insumos sem cláusula de reajuste contratual? Fechou a aquisição daquela

área rural dos sonhos sem um diagnóstico jurídico prévio das vulnerabilidades agrária e ambiental?

Ou talvez tenha ampliado a capacidade da sua agroindústria ou hospedagem sem garantir o fornecimento em contrato para atender às novas necessidades? Está fazendo sucessão rural sem protocolos familiares que preservam a harmonia durante a transição? Vem realizando investimentos em projetos imobiliários ou em meios de hospedagem time-sharing sem atentar para o necessário equilíbrio das responsabilidades contratuais?

Cada uma dessas situações (e muitas outras!) é como uma porteria entreaberta: aparentemente inofensiva, mas, quando o imprevisto chega, a boiada passa.

A boa notícia é que existem soluções jurídicas para proteger seus negócios: uma gestão contratual prévia e contínua, especializada no seu segmento, é a principal delas.

Para isso, comece abandonando contratos-modelo encontrados na internet e os documentos que parecem formais, mas que são elaborados de modo unilateral, protegendo apenas uma das partes. Continue usando sua intuição e experiência para escolher com quem

fechar negócios, mas use contratos profissionais feitos sob medida por especialistas para a sua realidade. Essa atenção aos detalhes não é só uma boa prática – é proteção jurídica real.

E vá além: implemente um acompanhamento jurídico permanente dos seus contratos, transformando segurança contratual em vantagem competitiva. Acompanhe de perto, como quem cuida com maestria de um pomar – rega, poda, nutrição e aconselhamento técnico periódico.

Sempre que possível, antecipe-se. Não espere momentos de instabilidade chegarem e, se eles vierem, avalie a possibilidade de revisão das cláusulas dos contratos já celebrados. Mapeie com cuidado os riscos da contratação, identifique o grau de vulnerabilidade jurídica de cada obrigação pactuada e defina um plano de ação para mitigar problemas.

Além disso, formalize as relações informais por meio de contratos específicos para cada necessidade. Assim, você não só se previne de dores de cabeça, como ganha liberdade para crescer com segurança.

Aqui vai o nosso convite: olhe para os seus contratos como olha para a sua lavoura ou para os hóspedes que recebe. Dedique cuidado, atenção e estratégia. A diferença entre sofrer com imprevistos e prosperar está nesse detalhe. No fim das contas, contratos não são apenas palavras amontoadas em cláusulas – são ferramentas que buscam ajudar a proteger o hoje e oferecer maior tranquilidade para o amanhã.



***Na terra da pecuária,
o café se torna rei***

ÚLTIMA FRONTEIRA AGRÍCOLA DO ESTADO, MUNICÍPIOS DO EXTREMO NORTE CAPIXABA ESTÃO, AOS POCOS, SENDO TOMADOS POR LAVOURAS

ROSIMERI RONQUETTI
jornalismo@conexaosafra.com

Maior produtor de leite do Espírito Santo, Ecoporanga, no Extremo Norte do estado, assiste a uma transformação de suas paisagens. O território, antes ocupado por pastagens e rebanhos a perder de vista, começa a dividir espaço com os cafezais.

Última fronteira agrícola capixaba, a mudança no cenário rural está longe de ser exclusividade de Ecoporanga. Os municípios vizinhos de Montanha, Mucurici e Ponto Belo — este último em menor intensidade — também vivem essa modificação. As pastagens estão, aos poucos, sendo tomadas por plantações de café, mamão e pimenta-do-reino.

O extensionista rural do Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper) de Mucurici, Felipe Lopes Neves, diz que, por se tratar da última fronteira agrícola capixaba, a região tem atraído produtores de todo o estado.

“Tem havido uma ampliação dessa fronteira agrícola, uma exploração mais intensiva na cultura de café. A região tem atraído produtores de locais com tradição no café que não têm mais para onde expandir, como Nova Venécia, São Mateus, Barra de São Francisco e



até mesmo Pinheiros, aqui bem perto”, detalha *Felipe*.

Os irmãos Miguel e Pedro Schumacher, grandes produtores de café e mamão em Pinheiros e Montanha, são um exemplo claro do que disse Felipe. Sem ter para onde ampliar as lavouras de café, em sociedade com Gilmar Orletti, escolheram o Distrito de Itabaiana, em Mucurici, para aumentar a produção.

“Por falta de áreas novas a serem abertas nos atuais municípios produtores onde já atuamos, não temos mais para onde expandir, então estamos abrindo nosso raio de atuação para cultivar mamão e café na Bahia e agora aqui em Mucurici”, disse Schumacher.

Números do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) dos últimos 10 anos comprovam essa ocupação lenta, porém gradual. Em 2013, Ecoporanga, o maior dos quatro municípios em extensão territorial, com 2.285,369 km², tinha 1.130 hectares de área plantada ou destinada à colheita de café. Em 2023, mais do que dobrou, passando para 2.650



Juntos, os irmãos Miguel e Pedro Schumacher e Gilmar Orletti estão investindo no cultivo de café e mamão na Fazenda Dona Zélia, em Mucurici

hectares. Já a produção, que era de 1.340 toneladas, saltou para 5.027.

A pecuária, no entanto, fez o caminho inverso. Em 2013, eram 244.985 cabeças de gado; em 2023, baixou para 226.147. A produção de leite caiu de 49.665 milhões de litros para apenas 24.054 milhões no mesmo período.

Em Ponto Belo aconteceu o mesmo. A produção de leite, que era de 5.222 milhões de litros em 2013, passou para 3.673 milhões em 2023. A produção de café, no entanto, subiu de 434 toneladas para 900 em 10 anos. O rebanho caiu de 53.033 cabeças para 47.110.

Acostumado com a lida diária no campo, o engenheiro agrônomo da Secretaria de Agricultura de

ARQUIVO PESSOAL

Ecoporanga, Wanderson da Costa Silva, acompanha de perto essa mudança. Para ele, a substituição da pecuária pela cafeicultura no município tem vários motivos, entre eles a maior rentabilidade do café em relação ao leite.

“Os produtores estão migrando da pecuária de corte e leite para o café. Isso é nítido, a cafeicultura cresceu muito aqui nos últimos anos. A rentabilidade do café é, com certeza, um grande atrativo. O café está com uma lucratividade alta, enquanto o leite diminuiu seu ganho. Para se manter na atividade do leite está complicado”, explica o engenheiro.

Na opinião de Wanderson, a falta de mão de obra também contribui para a mudança. “Não que seja fácil encontrar pessoas para trabalhar no café. Mas, se para o café está difícil, para o leite nem se compara”.

Foi justamente a baixa rentabilidade das pequenas propriedades e o alto custo das vacas leiteiras e dos equipamentos que levaram Lucas Fonseca Leite a deixar a pecuária e migrar para a agricultura. Lucas é meeiro dos pais e toca uma área de seis hectares na Fazenda Duas Pedras, Córrego Lageado, distrito de Itamira, em Ponto Belo.

“Fiz contas e vi que o café seria mais rentável. Na pequena propriedade, o café é mais rentável que o leite. Já tenho horta hi-

dropônica e este ano comecei a investir no café”, conta.

Lucas já plantou 4.100 mudas há pouco mais de seis meses e pretende dar sequência para crescer no cultivo. “Nossa região é bem voltada para a pecuária, raramente você via uma lavoura. Mas nos últimos anos, não sei se devido ao preço do café, já vemos muitas pessoas migrando. O café está ganhando espaço. Tenho vizinhos que começaram antes de mim, outro que vai começar este ano, a maioria dessas pessoas trabalhava com leite”, relata o produtor.

Baixa rentabilidade das pequenas propriedades e alto custo das vacas leiteiras fizeram Lucas migrar para a cafeicultura



TERRAS BARATAS E PLANAS ATRAEM PRODUTORES PARA A REGIÃO

O município de Montanha, que tem na carne de sol, iguaria feita com carne bovina, um símbolo da cidade, também caminha na mesma direção. Segundo Elson Soares da Paixão, secretário de Agricultura do município, nos últimos anos é notável a migração do setor agropecuário para a agricultura.

“Com o passar do tempo e por meio de cálculos, percebeu-se que o investimento na agricultura é muito mais lucrativo do que o setor pecuário. Com isso, temos um avanço muito significativo, principalmente no cultivo de café conilon, pimenta-do-reino, mamão e banana”, destaca o secretário.

Já a atração de produtores de várias regiões do estado para Montanha, Elson atribui ao relevo do município. Para ele, essa expansão está só no começo. “Nossa cidade, por ser agraciada por uma topografia plana e solo fértil, tem atraído famílias de todo o estado, que compram propriedades ou fazem arrendamentos para investir principalmente na agricultura. Hoje, o café está dominando. A cafeicultura de Montanha, nos próximos anos, vai crescer muito”, aponta Elson.

Cafeicultor e viveirista em Marilândia, no Noroeste capixaba, Vagner Teles chegou a Montanha em



2016 para instalar um viveiro de mudas de café. Como gostou do relevo do local, arrendou uma propriedade e

formou um cafezal. Por um tempo, conciliou as duas ocupações, mas há dois anos decidiu parar com o viveiro e se dedicar somente às lavouras.

Vagner trocou Marilândia por Montanha motivado pelo preço das terras e possibilidade de mecanização da lavoura



ARQUIVO PESSOAL

No início, Vagner lembra que continuou morando em Marilândia e ia a Montanha trabalhar, mas hoje mora no município. Com dois terrenos próprios, e não mais arrendados, que totalizam oito alqueires de terra, Vagner destaca as motivações para trocar Marilândia por Montanha: valor da terra e topografia plana.

“É uma realidade completamente diferente da que vivia em Marilândia. Aqui há máquinas que pulverizam, aplicam herbicidas e adubos, que recolhem lona na colheita, adiantam o processo e barateiam o custo da operação. Sem contar que é bem mais tranquilo, não tem morro, e o colaborador trabalha com mais qualidade”, enfatiza.

Sobre o investimento na aquisição de terra, Vagner lembra que a diferença de preço, na época, era muito grande e, segundo ele, continua significativa. “Uma terra limpa aqui custava R\$ 70 mil o alqueire; em Marilândia, ficava em torno de 300 a 400 mil reais. Hoje, aqui se fala em R\$ 300 mil a R\$ 350 mil, dependendo do que tem na propriedade. Em Marilândia, continua muito caro, meio sem noção, algo em torno de um milhão por alqueire”.

O valor das terras também foi o que levou a família Dadalto para Ecoporanga. Elivelton, juntamente com o irmão Dheferson e o pai Ademir, decidiu vender um terreno de 15 alqueires em Nova Venécia para comprar um de 47 alqueires no município vizinho.

“Atualmente, o preço já está entre R\$ 300 mil e R\$ 400 mil reais o alqueire, de terra limpa, sem nada, mas, em 2021, quando compramos, pagamos R\$ 80 mil o alqueire e vendemos nossa propriedade por R\$ 266 mil o alqueire. Para nós, foi uma ótima oportunidade de negócio, com terras a um valor muito atrativo”, pontua o cafeicultor.

Elivelton disse ainda que a propriedade já está toda estruturada. São

120 hectares de café, seis de pimenta-do-reino plantados e mais sete hectares preparados para plantar mais pimenta. Para Enio Bergoli, secretário de Estado da Agricultura, Abastecimento, Aquicultura e Pesca (Seag), o crescimento da agricultura na região está diretamente ligado ao preço das terras.

“Essa é a última fronteira agrícola em larga escala e tem muitos atrativos; o primeiro é o preço das terras, que lá ainda são mais baratas. Notamos um fluxo de grandes produtores investindo mais ao norte, nessa região de Ecoporanga, passando por Mucurici, Ponto Belo e Montanha. Há 20 anos, era só pecuária de corte e leite, e hoje já observamos essa diversificação, o que é muito salutar para a geração de emprego e renda”, salienta Bergoli.

DIVERSIFICAÇÃO

Paulemar Aleandro Siqueira, do sítio Sombra da Mata, Córrego da Água Branca, no distrito de Ribeirãozinho, em Ecoporanga, foi, como ele mesmo diz, “criado e lapidado dentro do curral”. Ele faz parte da quarta geração de uma família de pecuaristas e, mesmo enfrentando o preconceito dos familiares, que eram contra, começou a plantar café.

“A minha maior fonte de renda hoje é a cafeicultura. Parei com a pecuária de leite, mas, como a pecuária está no sangue, fiquei com o gado de corte, cerca de 40 a 50 cabeças”, disse o produtor. A cafeicultura passou a fazer parte da vida da família em

“O valor das terras foi o atrativo para a família Dadalto investir em Ecoporanga”

FOTO ARQUIVO PESSOAL



FOTO ARQUIVO PESSOAL



Paulemar Aleandro Siqueira, de Ecoporanga, decidiu plantar café para diversificar a renda

2017. Após a severa estiagem que atingiu o estado, Paulemar viu na produção de café uma opção de segunda renda para sobreviver no campo.

Ele lembra que, quando voltou a chover, restavam apenas oito novilhas, oito vacas e um valor em dinheiro depositado no banco. Foi com esse recurso que, com o apoio da esposa e de um engenheiro agrônomo, que ajudou na tomada de decisão, plantou as primeiras 2.500 mudas de conilon. Atualmente, já são 60 mil

plantas e algumas áreas prontas para formar novas lavouras.

Na comunidade onde mora, apenas a propriedade de Paulemar produz café. No entanto, ele observa que, aos poucos, os produtores do município estão aprendendo a diversificar, especialmente após a seca.

A família da jovem Lorena Costa Luz, de apenas 21 anos, começa a trilhar o mesmo caminho de Paulemar. Ela mora com os pais e a irmã na Fazenda Boa Vista, Córrego do Lageado, a 30 quilômetros do centro de Ponto Belo.

Por lá, tanto a história e a tradição com a criação de bovinos quanto a iniciativa de investir em agricultura, mais especificamente no café, para diversificação de renda, se repetem.

Cansados da lida diária e trabalhosa com o leite e do pouco retorno financeiro, já citado nesta reportagem por alguns dos personagens como motivação para a substituição total ou parcial da pecuária pela agricultura, a família se prepara para iniciar o cultivo de café e, assim, ter outra opção de renda.

“Não vemos retorno com o leite e vamos plantar café para mudar o nosso lucro. Pretendemos começar já em outubro deste ano. Vamos plantar três hectares por enquanto, mas pretendemos plantar mais à medida que formos vendo resultados. Vamos parar com a pecuária de leite e ficar apenas com o gado de corte”, conta Lorena.

Na fazenda, que tem 28 alqueires, bem antes da ideia de plantar café, Lorena também já investe na fruticultura, em pequena escala. São cerca de 20 pés de cajá, acerola, graviola e goiaba, para produção de polpa de frutas.

Sem nenhum conhecimento sobre cafeicultura, enquanto não inicia o plantio, a família busca informações sobre o cultivo do grão. “Estamos visitando fazendas que já produzem café e conversando com agrônomos, técnicos do Incaper e vendedores de produtos agrícolas para saber mais sobre o assunto”, explica.

Enésio Francisco de Oliveira, coordenador do Escritório Local de Desenvolvimento Rural do Incaper em Ponto Belo, conta que, assim como Lorena, muitos pecuaristas procuram orientações e informações sobre a cafeicultura. “Existe maior procura, sobretudo por parte de pequenos produtores, para implantação de novas lavouras, demandando informações quanto à utilização de novas tecnologias e produtos, novos materiais, como clones, variedades, sistemas de irrigação, espaçamentos, adensamento de plantas, número de plantas e de hastes

FOTO ARQUIVO PESSOAL



O Conilon Tec foi criado para incentivar a diversificação de culturas e o cultivo do café no município

por hectare, e até mesmo maior procura por crédito rural", ressalta o profissional.

De olho nesse movimento, há quatro anos, Paulemar, ao lado da esposa Adriane e da filha Milena, juntamente com o engenheiro agrônomo Rogério Gomes da Silva, criou o Conilon Tec, um evento com profissionais ligados à cafeicultura para disseminação da cultura cafeeira.

"Já realizamos três edições do Conilon Tec, aqui mesmo no sítio, com o objetivo de levar conhecimento e incentivar a cafeicultura, ensinar o produtor a diversificar para a agricultura na região e, assim, não ficar refém da pecuária."

SUCESSÃO FAMILIAR

Terras baratas, topografia favorável, maior ganho do café em relação ao leite, diversifi-

cação de produção. Todos esses motivos pontuados pelos entrevistados vêm acompanhados de outro item silencioso, porém não menos importante: o desafio da sucessão familiar nas fazendas de pecuária.

Wanderson disse que é comum a venda de propriedades por falta de sucessão. "A sucessão familiar é mais um fator que influencia essa expansão. Quem compra as fazendas de gado vendidas por falta de sucessores, geralmente não continua na atividade e planta café", enfatiza.

Assim como Wanderson, da secretaria de Agricultura

de Ecoporanga, Elson, secretário em Montanha, também cita a questão da sucessão familiar como um dos fatores para esse crescimento. "Os proprietários foram ficando idosos, sem condições de tocar suas propriedades. Seus filhos foram para grandes cidades estudar, e a maioria não tem interesse em voltar para continuar a atividade exercida por seus pais, causando, assim, a venda de muitas propriedades", relata.

O extensionista do Incaper em Mucurici, Felipe Lopes Neves, explica que "a sucessão rural na pecuária não é tão atrativa devido ao preço do leite e do corte,



Enésio Francisco de Oliveira, coordenador do Escritório Local de Desenvolvimento Rural do Incaper em Ponto Belo

o que acaba dificultando a sucessão. Essas propriedades estão indo para as mãos de agricultores que, com pouca área, conseguem explorar e ter ganhos maiores".

Enésio classifica essa realidade como importante e preocupante. "Percebemos hoje o questionamento por parte dos proprietários quanto à aplicação de tempo e recursos nas atividades rurais frente à falta de continuidade do trabalho por filhos e familiares", conta o coordenador.

TECNOLOGIA

O aumento da produção de café no Extremo Norte vem acompanhado da construção de barragens, ampliação das áreas irrigadas

e instalação de equipamentos de irrigação de última geração. Esse é, justamente, de acordo com o secretário de estado da Agricultura, um dos motivos para o desenvolvimento do Extremo Norte.

"Nessa região, os produtores se capitalizaram muito. Temos grandes famílias produtoras, que têm expertise com agricultura, apostam em alta tecnologia e estão investindo nesses municípios", frisa Enio Bergoli.

Há 15 anos, Alan Jhony Lima Legora tem uma loja de equipamentos para irrigação em Montanha. Ele conta que, ao longo dos anos, viu a procura pela tecnologia disparar. Se, quando começou, a demanda era por irrigação em aspersão para atender à pecuária, hoje ele brinca dizendo que "a cada 10 pedidos de projetos que

Dados do Idaf mostram o crescimento no número de pedidos de liberação de barragens nos municípios do Extremo Norte



FOTO ARQUIVO

“NESSA REGIÃO, OS PRODUTORES SE CAPITALIZARAM MUITO. TEMOS GRANDES FAMÍLIAS PRODUTORAS, QUE TÊM EXPERTISE COM AGRICULTURA, APOSTAM EM ALTA TECNOLOGIA E ESTÃO INVESTINDO NESSES MUNICÍPIOS”, ENIO BERGOLI

chegam, 11 são para cafeicultura, pimenta e mamão. Cerca de 90% são só para o café”.

Segundo Alan, a procura por equipamentos de irrigação começou a crescer em Montanha há cerca de 10 anos, e, nos últimos seis anos, houve um *boom*. Já em Mucurici, esse crescimento significativo acontece há cerca de três anos.

Com clientes em Mucurici, Montanha e Ponto Belo, o empresário diz que é comum chegarem até ele pessoas desconhecidas, vindas de outras regiões, para investir na agricultura.

“Cerca de 80% de quem chega de fora vem para Montanha, e o restante para Mucurici, municípios com uma agricultura mais empresarial. Ponto Belo é mais voltado para a agricultura familiar; é uma região onde há mais morros, e quem está plantando café são os pecuaristas que moram no município e estão aproveitando áreas baixas das propriedades”, explica.

Parte da percepção de Alan pode ser confirmada no Instituto de Defesa Agropecuária

e Florestal do Espírito Santo (Idaf). De acordo com o órgão, o número de pedidos de regularização de barragens nesses municípios vem crescendo.

Para se ter uma ideia, em 2020, o Idaf regularizou apenas 11 barragens em Montanha; em 2024, foram 27. Em Mucurici, passou de 14 em 2020 para 18 em 2024. É importante ressaltar que o Idaf regulariza apenas reservatórios maiores que um hectare. Barragens com menos de 1 hectare são dispensadas de licença, ou seja, o número de barragens construídas pode ser muito superior.

“Há muitos produtores que estão construindo pequenas e médias barragens de terra, bem como ampliando e reformando. Temos hoje, em Ponto Belo, grandes reservatórios de água utilizados na irrigação das lavouras e relatos da secretaria mu-

nicipal de agricultura de um aumento de mais de 200% na procura pelos serviços. Outro fator que chama a atenção é o aumento nos pedidos de solicitações e dispensas de outorgas para fins de irrigação, que cresceu muito”, esclarece Enésio.

Como exemplo de investimento em tecnologia na região, as famílias Orlete e Schumacher instalarão 11 pivôs centrais em Mucurici, onde têm planos de cultivar cerca de 450 a 500 hectares de café. Desses, dois estão em funcionamento, três já estão na propriedade e aguardam instalação, e outros seis serão montados até maio de 2026.

“É uma região com fazendas grandes e baixas que eram usadas na pecuária. São municípios com bastante água, e a agricultura está migrando para essas áreas. A estrutura para abrir uma fazenda dessas não é pequena, tem que ser muito bem planejada, e os investimentos em tecnologia são altos”, explica Miguel.

Luiz Carlos Schumacher, Melquisedeque Schumacher, Miguel Schumacher e Miguel Schumacher Filho



A força do Brasil está no agro.

SAFRA
25/26

E quando o agro precisa
de uma força, pode contar
com o Sicoob.

SICOOB

Custeio

Comercialização

Industrialização

Investimentos

Seguro Rural

Fale com seu gerente
e contrate.

Central de Atendimento

Atendimento WhatsApp: 61 4000 1111 | Atendimento via ligação: 61 4000 1111

Demais regiões: 0800 642 0000 | Exterior (ligue a cobrar): +55 61 3030 6717

Deficientes auditivos ou de fala: 0800 940 0458 (de segunda a sexta, das 8h às 20h)

SAC 24 horas: 0800 724 4420 (Informações, dúvidas, reclamações e comunicação de

ocorrência de fraude) | Canais de oferta Sicoob Pra Você: 41 3180 0676

Ouvidoria: 0800 725 0996 (de segunda a sexta, das 8h às 20h) - ouvidoria@sicoob.com.br

Mais que uma
escolha financeira.

 SICOOB

Mulheres do Cacau lançam café próprio em Colatina

ROSIMERI RONQUETTI
jornalismo@conexaosafra.com

As associadas do coletivo Mulheres do Cacau, núcleo de Colatina, começam a escrever uma nova história na produção agrícola de suas propriedades. Agora, além do cultivo de cacau, elas decidiram produzir seu próprio café. O produto, batizado de Filhas da Terra, foi lançado no início de julho, durante a Feira dos Municípios, em Vitória.

É UM TRABALHO DA AGRICULTURA FAMILIAR FEITO PARA EMPODERAR MULHERES QUE JÁ PRODUZEM UM EXCELENTE CHOCOLATE E AGORA TAMBÉM ESTÃO FAZENDO UM BOM CAFÉ, COM FOCO CRESCENTE NA SUSTENTABILIDADE”, RODRIGO FERNANDES

A ideia surgiu em 2023, após uma visita do grupo à Cooperativa dos Cafeicultores do Sul do Espírito Santo (Cafesul). Foi nessa ocasião que a produtora Edinélia Strasmann Ferreira, do Sítio Semeai, conheceu esse nicho de mercado e se encantou com as possibilidades.

Edinélia levou a proposta à presidente da associação, Fabiani Salomão Reinholtz Macedo, com a seguinte provocação: “Todas as associadas têm produção de café. Por que não entrar nesse universo?”. A sugestão foi discutida nas reuniões do grupo, e o projeto logo ganhou forma.

O novo produto recebeu um rótulo personalizado com elementos que representam Colatina, conhecida como Princesinha do Norte, como o pôr do sol na Ponte Florentino Ávidos e o Cristo Redentor — dois símbolos do município. No verso da embalagem, cada cafeicultora compartilha sua própria história.

O grupo é formado por 17 produtoras da agricultura familiar, que atuam no cultivo de cacau, café, pimenta, frutas e verduras. Dessas, 10 mulheres — todas da comunidade de São João Pequeno, no interior do município — participam diretamente do projeto Filhas da Terra.

Entre elas, seis já tiveram seus cafés avaliados no laboratório de classificação de cafés especiais do Incaper. Além de Edinélia e Fabiani, destacam-se as produtoras Valdelina Salomão Reinholtz, Vanderleia Kepp de Menezes, Bruna Salomão Reinholtz Hanerth e Anita da Penha Seidel, com lotes de café Conilon que alcançaram 83 pontos.

A presidente da associação afirma que, por enquanto, cada produtora trabalha com seu próprio café, mas o objetivo é lançar, futuramente, um blend coletivo com grãos de todas as mulheres do grupo.

“O objetivo é agregar valor aos nossos produtos, colocar as mulheres no protagonis-

Edinélia Strasmann teve a ideia de produzir os cafés e levou a proposta para a associação



mo, mostrar que mulher não ajuda, ela trabalha e tem o mesmo valor que o homem. Unidas, nos capacitamos, melhoramos os processos e buscamos melhorar a vida das nossas famílias. Também queremos depender cada vez menos dos atravessadores para vender nossos produtos", explica Fabiani.

Para dar mais segurança ao projeto, o grupo buscou apoio técnico de Rodrigo Fernandes, responsável pela Unidade de Referência de Cafés Especiais de Alto Rio Novo. Após aprender mais sobre cafés especiais e participar de um curso de pós-colheita, os primeiros resultados apareceram: os cafés de Fabiani e Edinélia atingiram 83 pontos.

No dia 22 de julho, novos avanços: entre 14

amostras analisadas, foram identificados cafés com pontuações de 83, 84 e até 85 pontos.

"É um trabalho da agricultura familiar feito para empoderar mulheres que já produzem um excelente chocolate e agora também estão fazendo um bom café, com foco crescente na sustentabilidade", comenta Rodrigo.

Fabiani também fez questão de explicar a origem do nome da associação. Segundo ela, o grupo foi batizado como Mulheres do Cacau por conta de um projeto desenvolvido pelo Incaper voltado à cultura do cacau, que uniu as agricultoras. No entanto, trata-se de uma associação da agricultura familiar, com atuação diversificada.

Hoje, o coletivo Mulheres do Cacau conta com mais de 60 associadas, distribuídas entre os municípios de Colatina, Linhares, Rio Bananal e Santa Teresa.



O objetivo é lançar, futuramente, um blend coletivo com grãos de todas as mulheres do grupo. No registro, a produtora Fabiani Reinholtz

5-7/NOV 2025
Exponinas

SIC.
SEMANA
INTERNACIONAL
DO CAFÉ

Participe

o maior encontro de cafés do Brasil

APOIO INSTITUCIONAL



PATROCÍNIO OFICIAL



PATROCÍNIO DIAMANTE



PATROCÍNIO OURO



PATROCÍNIO BRONZE



APOIO



MÍDIA

REALIZAÇÃO

Cerveja capixaba de caldo de cana ganha ouro em copa sul-americana

FOTOS ARQUIVO PESSOAL



Os amigos André e Fabrício com Pedro Piol, que inspirou a cerveja

ROSIMERI RONQUETTI
jornalismo@conexaosafra.com

O hábito do ibiraçense Pedro Piol, 87 anos, de repetir receitas de produtos fermentados que fazia na juventude foi o pontapé inicial para a criação de uma cerveja artesanal premiada. Produzida de forma colaborativa pelos amigos e cervejeiros Fabrício Torri e André Piol, neto de Pedro, a bebida foi batizada de Casamento de Pedro Piol – Specialty Saison. Mas, para entender toda essa história, que se passa em Ibiraçu, Norte do Espírito

Santo, é preciso voltar à década de 1960, quando tudo começou.

Quando Pedro Piol se casou, em 1963, não havia geladeira para conservar bebidas geladas. Foi então que ele teve a ideia de fazer um “vinho de cana” para servir aos convidados.

“Naquela época, não tinha geladeira, então precisava ser uma bebida

que não estragasse, e eu resolvi fazer a cerveja de vinho, que é como a gente chama. É uma bebida natural e muito boa, feita com caldo de cana, gengibre e caldo de limão. Foi um sucesso.”

Passado o casamento, muitos anos depois, sempre que tem vontade de tomar a “cerveja de vinho”, o aposentado repete a receita. Em um desses momentos de nostalgia, Pedro e Fabrício provaram a

"EU E FABRÍCIO NOS DESAFIAMOS. RESOLVEMOS TENTAR FAZER UMA CERVEJA PEGANDO ESSE CONHECIMENTO QUE O MEU AVÔ TEVE LÁ ATRÁS E ADAPTAMOS AO NOSSO MUNDO ATUAL DA CERVEJA"

bebida, e a história ganhou outros contornos.

“Eu e Fabrício nos desafiamos. Resolvemos tentar fazer uma cerveja pegando esse conhecimento que o meu avô teve lá atrás e adaptamos ao nosso mundo atual da cerveja. Ele fez o vinho de cana conforme fazia antigamente, e a gente integrou na cerveja. Cerca de 20% a 30% da bebida foi ele que fez”, detalha André. A primeira etapa foi realizada na Três Torres, cervejaria de Fabrício, em João Neiva. Depois, a segunda etapa aconteceu na I Lupi Cervejaria, da família Piol, mas o resultado inicial não foi tão bom. “Foi preciso quase um ano de aprimoramento para chegar ao ponto ideal da cerveja.”

É o resultado não poderia ser melhor: a Casamento de Pedro Piol – Specialty Saison conquistou medalha de ouro na Copa Sul-Americana de Cerveja, realizada em Bento Gonçalves, no Rio Grande do Sul, em junho deste ano.

“Tenho muito orgulho do meu neto. Ele é muito caprichoso e já ganhou um punhado de medalhas com as cervejas que faz. É também o único descendente que deu continuidade a essa criação. É uma herança que estou deixando e que ele está levando adiante”, conta, orgulhoso, Pedro Piol.

Piol, abraçou a ideia e ajudou na compra dos equipamentos necessários para a produção.

“Começamos a mandar nossas cervejas para serem avaliadas em concursos, e os retornos eram positivos. Começamos a ganhar medalhas, e o que era só um passatempo virou um negócio.”

André conta que o projeto deixou de ser apenas dele e do pai e passou a envolver também o avô, transformando-se em uma cervejaria familiar. O empreendimento foi registrado em dezembro de 2023. Agora, a família trabalha na implementação de um bar estilo brewpub anexo à cervejaria.

O próximo lote da Casamento de Pedro Piol deve ficar pronto em breve. Os planos são ampliar a produção e engarrafar a bebida.

COMO A CERVEJARIA SE TORNOU NEGÓCIO DE FAMÍLIA

O trabalho com a cerveja começou por acaso na vida de André e acabou se tornando um negócio familiar. Formado em Engenharia Química, ele começou a produzir cerveja no quintal de casa em 2014. O pai, José Francisco

Três gerações tocam a cervejaria



**VICE-GOVERNADOR DESTACA
QUE O ESTADO DEVE PARTE
DO SEU CRESCIMENTO
ECONÔMICO À CAPACIDADE
EMPREENDEDORA,
CRIATIVIDADE E DISPOSIÇÃO
AO TRABALHO DOS
AGRICULTORES FAMILIARES**



Ricardo Ferraço, vice-governador do Estado do Espírito Santo

Agricultura familiar: motor de renda e desenvolvimento no Espírito Santo

_FERNANDA ZANDONADI
_jornalismo@conexaosafra.com

A agricultura familiar, considerada um dos maiores ativos do Espírito Santo, pode ser o motor para ampliar a renda da população capixaba e mitigar os impactos da reforma tributária. Essa visão foi destacada pelo vice-governador Ricardo Ferraço, que enfatizou o potencial do setor em gerar emprego, renda e desenvolvimento social, sobretudo por meio do fortalecimento de políticas públicas voltadas ao homem do campo, ao turismo rural e o agroturismo.

"A agricultura familiar capixaba é um dos maiores ativos que o povo do Espírito Santo construiu ao longo de sua história. Ela tem capacidade de gerar emprego e renda, contribuir para o desenvolvimento social e manter as pessoas em suas localidades de origem. É ela quem lidera a atividade econômica nas pequenas e médias propriedades rurais capixabas. O estado é o que é, em parte, graças à agricultura familiar, pela capacidade empreendedora, criatividade e disposição ao trabalho dos agricultores familiares."

Ricardo Ferraço, que já atuou como secretário de Estado da Agricultura do Espírito Santo, traz para o debate mais

de duas décadas de experiência no setor. Sua gestão no início dos anos 2000 foi marcada por iniciativas pioneiras que pavimentaram o apoio à agricultura familiar, incluindo o programa "Caminhos do Campo", lançado quando esteve à frente da Agricultura.

O projeto, um dos precursores das políticas públicas voltadas ao turismo rural, focou na adequação e no revestimento de estradas rurais, priorizando regiões com maior concentração de agricultura familiar. O objetivo era melhorar o escoamento da produção, reduzir custos e minimizar perdas de produtos perecíveis.

Em duas décadas, o programa pavimentou mais de 1.300 quilômetros de estradas rurais, abrangendo 142 trechos em 66 municípios, com investimentos que superam R\$ 1 bilhão em valores atuais. Além de facilitar o transporte de mercadorias, o "Caminhos do Campo" abriu espaço para o turismo rural, tornando acessíveis roteiros que valorizam a cultura e a produção local.

REFORMA TRIBUTÁRIA

Ferraço conecta esses esforços à atual conjuntura econômica, especialmente às mudanças propostas na reforma tributária. O desafio central, segundo ele, está na alteração da incidência do ICMS – imposto que finan-

cia grande parte das políticas públicas do estado. "O ICMS é dividido entre quem vende e quem consome. Com a reforma tributária, toda a arrecadação passa a ir para o local de consumo", explica.

Para compensar eventuais perdas de arrecadação, o vice-governador defende ações que ampliem a renda da população. "O que já estamos fazendo é trabalhar para aumentar a renda do capixaba. Ampliando os ganhos, ampliamos também o consumo. Ao fortalecer a agricultura familiar do Espírito Santo, criamos sistemas que reforçam a renda, como o turismo rural e o agroturismo, que desempenham papel decisivo nessa construção", finaliza.

_No registro, o vice-governador Ricardo Ferraço e o governador Renato Casagrande.
 Ricardo Ferraço, que já atuou como secretário de Estado da Agricultura do Espírito Santo, tem mais de duas décadas de experiência no setor. Sua gestão no início dos anos 2000 foi marcada por iniciativas pioneiras que pavimentaram o apoio à agricultura familiar, incluindo o programa "Caminhos do Campo", lançado quando esteve à frente da Agricultura.



CID COSTA/GOVERNOES

Sicoob Credisudeste apoia produtores rurais com crédito e inovação

CONEXÃO SAFRA
jornalismo@conexaosafracom

Com quase quatro décadas de atuação, o Sicoob Credisudeste se consolidou como parceiro estratégico do agronegócio nos estados do Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Presente em 21 municípios, com 27 agências, a cooperativa oferece soluções financeiras que vão desde linhas de custeio e investimento até apoio à comercialização da safra. Mais do que crédito, a instituição disponibiliza técnicos agrícolas para auxiliar na gestão das propriedades, promove capacitação em parceria com entidades como Sebrae, Senar, Emater e prefeituras e incentiva a adoção de tecnologias sustentáveis no campo. Nesta entrevista, Victor Ricardo de Paula, diretor executivo de Negócios do Sicoob Credisudeste, detalha como a cooperativa tem atuado para fortalecer pequenos e médios produtores, superar desafios de mercado e impulsionar o desenvolvimento econômico das comunidades rurais.

COMO O SICOOB CREDISUDESTE APOIA PRODUTORES RURAIS NA OBTENÇÃO DE CRÉDITO E FINANCIAMENTO PARA SUAS ATIVIDADES?

O Sicoob Credisudeste, cooperativa de crédito com 39 anos de atuação, conta atualmente com 27 agências distribuídas em 21 municípios nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo. Com uma rede de atendimento bem estruturada, a instituição oferece aos produtores rurais acesso a soluções financeiras específicas para o fortalecimento do agronegócio, contando com uma equipe qualificada para prestar um atendimento próximo e eficiente. Além disso, o Sicoob Credisudeste dispõe de uma equipe de técnicos agrícolas que auxiliam os cooperados na elaboração de laudos rurais e no suporte técnico à gestão da produção. Esse acompanhamento possibilita ao produtor organizar melhor suas informações financeiras e,

consequentemente, ter acesso facilitado ao crédito rural, especialmente aqueles que encontram dificuldades em comprovar sua real situação econômico-financeira.

QUAIS SOLUÇÕES FINANCEIRAS A COOPERATIVA OFERECE PARA IMPULSIONAR A PRODUÇÃO E A COMERCIALIZAÇÃO NO AGRONEGÓCIO?

A cooperativa trabalha com todas as linhas de crédito que são disponíveis para atender as demandas do produtor rural tendo como exemplo as seguintes linhas de crédito:

Pronaf: voltado à agricultura familiar, com taxas reduzidas e condições facilitadas;

Pronamp: apoio ao médio produtor rural, com foco em aumento de renda e geração de empregos;

Crédito para investimento: aquisição de máquinas, tratores, irrigação, reforma de pastagens, entre outros;

Custeio agrícola e pecuário: financiamento de insumos, sementes, vacinas e despesas operacionais;

Comercialização da safra: recursos para



Victor Ricardo de Paula,
diretor executivo de Negócios
do Sicoob Credisudeste

apoiar a venda dos produtos com melhores condições de mercado.

DE QUE FORMA A COOPERATIVA TEM INCENTIVADO A ADOÇÃO DE TECNOLOGIAS E PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS NAS PROPRIEDADES RURAIS ASSOCIADAS?

Por meio de eventos e ações em parceria com instituições de referência, como Sebrae, Emater e Senai, entre outras, o Sicoob Credisudeste leva conhecimento e capacitação ao produtor rural, estimulando o uso de tecnologias, produtos e equipamentos que contribuem para o aumento da

produtividade no campo. Além disso, a cooperativa disponibiliza linhas de crédito com condições atrativas, que permitem ao produtor investir em melhorias, adquirir equipamentos modernos e, assim, potencializar o desempenho e a sustentabilidade de sua propriedade.

QUAIS DESAFIOS FINANCIEROS E DE MERCADO OS PRODUTORES RURAIS DA REGIÃO MAIS ENFRENTAM ATUALMENTE E COMO O SICOOB CREDISUDESTE AJUDA A SUPERÁ-LOS?

Atualmente, os produtores rurais da região enfrentam desafios como a alta volatilidade dos preços agrícolas, elevação das taxas de juros, dificuldade na contratação de mão de obra qualificada e o baixo poder de barganha frente aos grandes produtores.

O Sicoob Credisudeste, que tem em sua base majoritária pequenos e médios produtores rurais, atua de forma estratégica para apoiá-los. A cooperativa oferece linhas de crédito com taxas mais justas, possibilitando investimentos em produtividade, tecnologia e modernização das propriedades. Dessa forma, o produtor tem condições de planejar melhor sua atividade, comercializar no momento mais favorável e conquistar maior rentabilidade e sustentabilidade no negócio.

COMO A COOPERATIVA CONTRIBUI PARA O FORTALECIMENTO DAS CADEIAS PRODUTIVAS LOCAIS E PARA O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DO CAMPO?

O Sicoob Credisudeste desempenha um papel estratégico no fortalecimento

das cadeias produtivas e no desenvolvimento econômico rural, atuando de forma muito além da concessão de crédito. Entre as principais iniciativas, destacam-se:

Participação em eventos e parcerias institucionais: a exemplo da Semana Internacional do Café, reunindo produtores, técnicos e instituições como Sebrae, Emater, Senar e prefeituras. Essas ações promovem inovação, troca de conhecimento e valorização da produção local.

Capacitação e consultoria: oferecendo apoio na melhoria das práticas agrícolas, na gestão financeira e no acesso a novos mercados.

Linhos de crédito adequadas às diferentes etapas da produção: desde o preparo do solo até a comercialização da safra, com condições mais justas e acessíveis.

Estímulo à sustentabilidade: incentivando o uso responsável dos recursos naturais e disponibilizando crédito com seguro rural, protegendo os produtores contra perdas decorrentes de adversidades climáticas.

QUAIS OS MAIORES DESAFIOS DA COOPERATIVA PARA CHEGAR AO HOMEM DO CAMPO E COMO A COOPERATIVA ESTÁ SUPERANDO?

O principal desafio ainda é a falta de conhecimento, por parte de alguns produtores, sobre como a cooperativa pode apoiar e impulsionar sua atividade. Para superar essa barreira, o Sicoob Credisudeste vem ampliando suas ações de relacionamento e proximidade com o produtor rural, por meio de:

Educação financeira adaptada à realidade do campo;

Dias de campo e encontros técnicos, levando informação prática e troca de experiências;

Parcerias estratégicas com Sebrae, Senar, Emater e prefeituras, reforçando a rede de apoio ao produtor rural.

Essas iniciativas aproximam o cooperado da cooperativa, fortalecem o sentimento de pertencimento e contribuem para o desenvolvimento das cidades onde o Sicoob Credisudeste atua, gerando resultados positivos tanto para o produtor quanto para toda a comunidade econômica local.

SICOOB CREDISUDESTE CELEBRA PARCERIA COM O CONEXÃO CAPARAÓ



O Sicoob Credisudeste tem acompanhado de perto a trajetória do Conexão Caparaó desde a sua primeira edição. Para a cooperativa, o evento realizado em Pedra Menina, Dores do Rio Preto, vai além da promoção dos cafés especiais: ele valoriza as pessoas que constroem diariamente a história da cafeicultura regional.

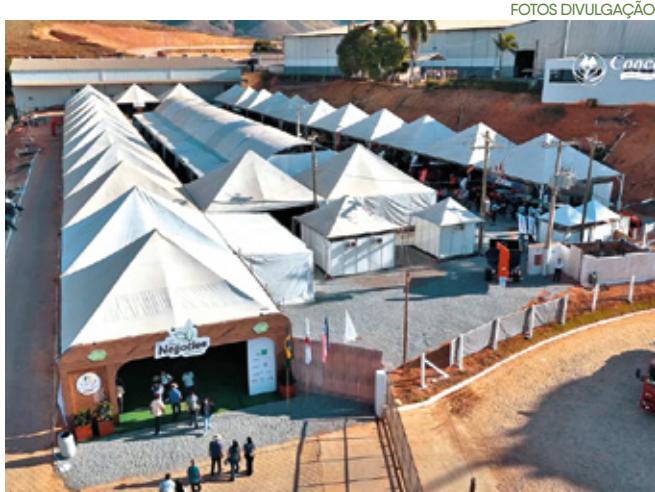
Clodoaldo Heitor, Gerente de

Relacionamento e Organização do Quadro Social do Sicoob Credisudeste, reforça o sentimento de pertencimento da instituição ao projeto. “É uma grande satisfação para o Sicoob Credisudeste participar do Conexão Caparaó. O evento, realizado pela Associação de Produtores Rurais de Pedra Menina (Aprupem), busca valorizar os cafés especiais da região e as pessoas que trabalham com esses cafés. Para nós, é gratificante participar desde a primeira edição”, afirmou.

A 8ª edição do Conexão Caparaó – Aromas e Sabores está confirmada para os dias 16 e 17 de janeiro de 2026. Para o Sicoob Credisudeste, estar presente significa reafirmar o compromisso de apoiar iniciativas que fortalecem o campo e reconhecem o valor humano por trás da produção de cafés especiais.

SUCESSO DA FEIRA DE NEGÓCIOS DA COOCAFÉ 2025

A 17ª Feira de Negócios da Coocafé movimentou o setor agropecuário em 2025, consolidando-se como um dos principais eventos voltados a produtores rurais da região das Matas de Minas e Montanhas do Espírito Santo. Durante os dias de programação, cooperados, empresas parceiras e visitantes tiveram acesso a tecnologias, equipamentos, insumos e soluções inovadoras para fortalecer a atividade agrícola, além de oportunidades de negócios, troca de conhecimento e capacitação. A feira mais uma vez reafirmou o papel estratégico da cooperativa no desenvolvimento do campo e na valorização do cooperativismo.



FEIRA DE AGRONEGÓCIOS COOABRIEL 2025 MOVIMENTA R\$ 1,2 BILHÃO NA PRINCIPAL REGIÃO PRODUTORA DE CONILON DO PAÍS

A Feira de Agronegócios Cooabriel 2025 foi realizada de 24 a 26 de julho em São Gabriel da Palha, no Espírito Santo, e foi um sucesso, atraindo um grande público e movimentando R\$ 1,2 bilhão em negócios, quase o dobro da edição anterior. O evento destacou tecnologias, insumos e máquinas para o campo, com mais de 90 expositores, e contou com palestras relevantes, um encontro para a cadeia do café (Coffee Connect) e o Encontro Capixaba Mulheres do Agro.



DE NORTE A SUL DO ESPÍRITO SANTO, FEIRA AGRO NATER COOP 2025 MOVIMENTA O AGRONEGÓCIO



A 13ª edição da Feira Agro Nater Coop consolidou-se como um dos maiores encontros do setor no Espírito Santo. Realizada entre os dias 3 e 5 de julho, em Nova Venécia, e de 17 a 19 de julho, em Santa Maria de Jetibá, a feira reuniu mais de 11 mil visitantes, que acompanharam de perto novidades e oportunidades voltadas ao campo.

Com 7 mil metros quadrados de estrutura, o evento contou com 43 marcas expositoras, 21 palestras técnicas, atrações culturais e o sorteio de seis motos zero quilômetro. A organização envolveu 368 colaboradores e resultou em 11.074 atendimentos a clientes. O evento reforçou o papel do cooperativismo, movimentando a economia local e fortalecendo a rede de produtores, parceiros e instituições ligadas ao agro capixaba.

RURALTURES 2025 RECEBEU MAIS DE 27 MIL PESSOAS NOS QUATRO DIAS DE EVENTO

Entre 14 e 17 de agosto de 2025, Venda Nova do Imigrante recebeu a 5ª edição da RuralturES, a maior feira de turismo rural do Espírito Santo, realizada pelo Montanhas Capixabas Convention & Visitors Bureau e pelo Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae/ES). O evento foi estruturado em uma nova área na Fazenda Pindobas, ocupando cerca de 4 mil metros quadrados em um terreno de 6 hectares, com um espaço 71% maior que o da edição anterior. Novamente a feira aconteceu dentro da área do Distrito Turístico de Pindobas.

Mais de 27 mil pessoas circularam nos quatro dias de RuralturES e, ao fim do evento, a receita gerada foi de cerca de R\$ 4,5 milhões somando a compra de experiências turísticas no local, vendas diretas nos estandes dos empreendimentos e consumo na praça de alimentação. E reserve a data, porque a próxima edição já tem previsão para acontecer: de 13 a 16 de agosto de 2026.



PINHEIROS AGROSHOW 2025 BATE RECORDE E MOVIMENTA MAIS DE R\$ 700 MILHÕES

A Pinheiros AgroShow consolidou-se como a maior feira agro do extremo norte do Espírito Santo, registrando um novo recorde de negócios. A terceira edição do evento, realizada entre os dias 28 e 30 de agosto, movimentou cerca de R\$ 708 milhões. Mais de 7 mil pessoas compareceram ao longo dos três dias, reunindo toda a cadeia do agronegócio capixaba e reforçando a posição de Pinheiros como um dos principais polos agrícolas do estado. O sucesso da feira, que nesta edição inovou com a inclusão de um leilão, reflete a força e a capacidade empreendedora dos produtores locais. O evento, que superou todas as expectativas, já tem sua quarta edição confirmada: será nos dias 27, 28 e 29 de agosto de 2026.

A PRÓXIMA EDIÇÃO DA ESPÍRITO MADEIRA JÁ TEM DATA CONFIRMADA PARA 2026

A quarta edição da feira Espírito Madeira – Design de Origem está marcada para os dias 10, 11 e 12 de setembro de 2026. O evento acontece no Centro de Eventos Padre Cleto Caliman, (Polentão), em Venda Nova do Imigrante.

A confirmação da data ocorreu após o sucesso da terceira edição (2025), que encerrou com resultados expressivos, recebendo cerca de 9 mil visitantes e movimentando cerca de R\$ 15 milhões em negócios. Consolidou o Espírito Santo como referência nacional e internacional no setor de madeira, design, inovação e sustentabilidade. A Espírito Madeira reúne toda a cadeia produtiva, desde a floresta comercial até o produto final e o design, atraindo expositores e visitantes do Brasil e do exterior.





COFFEES 2025: UM DOS MAIORES EVENTOS DE CAFÉ DO ES FOI SUCESSO NO SHOPPING VITÓRIA

Vitória sediou a terceira edição do COFFEES – Semana Nacional do Café, entre os dias 18 e 20 de setembro de 2025, na área externa do Shopping Vitória, com entrada gratuita. Mais de 15 mil visitantes prestigiaram o evento que tem como objetivo valorizar a rica cadeia produtiva capixaba, reunir produtores, baristas, mestres de torra e especialistas de diversas regiões do Brasil, além de apresentar as últimas tendências nacionais e internacionais da bebida. A programação incluiu palestras, workshops práticos, sessões de degustação de cafés da nova safra e campeonatos de preparo.

Um dos grandes destaques da edição de 2025 foi o Salão do Chocolate Artesanal Capixaba, que busca reforçar a importância e a qualidade de dois produtos com Indicação Geográfica no estado: o café e o cacaú. Além disso, o COFFEES sediou o Campeão dos Campeões, competição inédita de Aeropress que celebra os 10 anos do Campeonato Brasileiro da modalidade, reunindo os melhores baristas do país em um desafio de extração.



JAGUARÉ SERÁ PALCO DA FICC 2025 PARA EXPANDIR A EXPORTAÇÃO DO CONILON

O município de Jaguaré se organiza para sediar um encontro estratégico para a cafeicultura: a primeira edição da Feira Internacional do Café Conilon (FICC). O evento será realizado no Parque de Exposições Alfeu Sossai, entre os dias 27 e 29 de novembro de 2025, com a expectativa de reunir importantes atores do setor, autoridades, agricultores e cooperativas.

A meta central da FICC é projetar o café conilon produzido no Espírito Santo para novos destinos internacionais, em uma iniciativa fundamental para assegurar a competitividade global do grão capixaba. “A internacionalização tem dois lados: trazer o mundo para o Espírito Santo e levar o Espírito Santo para o mundo”, destacou o curador da feira e especialista em café e mercado, Marcus Magalhães, o MM. Segundo ele, “o produtor precisa ampliar a visão, compreender que integra um arranjo produtivo que deve buscar os melhores caminhos para o conilon”. Nesse sentido, a feira se coloca como uma vitrine essencial para abrir oportunidades e consolidar o conilon no mercado mundial.



SMART IRRIGA

Gestão inteligente para
o agronegócio.

Gerencie e monitore sua
irrigação e fertirrigação!



Rua Luiz Barbieri, 274, 1º andar, Bairro Olívio Zanotelli, Colatina-ES, CEP: 29702-540 - smartirriga@gmail.com



55 27 99638 8632

Agricultura familiar capixaba ganha reforço com novas políticas públicas

FOTO REPRODUÇÃO



“A agricultura familiar é quem coloca comida de verdade na mesa do brasileiro”, avalia Laércio Nochang

FERNANDA ZANDONADI
jornalismo@conexaosafra.com

Responsável por cerca de 80% da produção de alimentos consumidos diariamente no Espírito Santo, a agricultura familiar é o eixo central das políticas públicas do Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (MDA). O dado foi destacado pelo superintendente estadual do órgão, Laércio Nochang. “A agricultura familiar é quem coloca comida de verdade na mesa do brasileiro”, avalia Laércio Nochang.

Recriado em 2023, o MDA tem como missão fortalecer o setor, promover inclusão produtiva e garantir direitos a povos e comunidades tradicionais, como quilombolas, indígenas, pescadores artesanais, ribeirinhos, ciganos e pomeranos. “A agricultura familiar é quem coloca comida de verdade na mesa do brasileiro. O

que o agronegócio exporta, nós equilibrados com abastecimento interno”, ressaltou Nochang.

ESTRUTURA CAPIXABA

No Espírito Santo, dos cerca de 110 mil estabelecimentos rurais, aproximadamente 85 mil são classificados como

LAÉRCIO NOCHANG, SUPERINTENDENTE DO MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO NO ESPÍRITO SANTO, DESTACA A AGRICULTURA FAMILIAR COMO EIXO CENTRAL PARA A SEGURANÇA ALIMENTAR E O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

propriedades da agricultura familiar. Apesar da relevância, apenas 46 mil famílias estão inscritas no Cadastro Nacional da Agricultura Familiar (CAF) — ferramenta que funciona como uma identidade para acesso a políticas públicas.

Segundo Nochang, o desafio é ampliar esse número. “Sem o CAF, o agricultor não consegue acessar crédito do Pronaf, se aposentar como trabalhador rural ou vender para programas governamentais. É um documento fundamental e gratuito, mas ainda existe muita desinformação no campo”, destacou.

CRÉDITO RURAL COM JUROS REDUZIDOS

Entre as linhas de financiamento disponíveis, o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) se destaca com juros que partem de 0,5% ao ano, valores muito inferiores aos do mercado financeiro. Os recursos podem ser aplicados na produção, compra de equipamentos, infraestrutura e custeio.

Além disso, o Programa Nacional de Crédito Fundiário (PNCF) permite que trabalhadores rurais sem terra ou com pouca terra adquiram propriedades de até R\$ 293 mil, com prazos de 25 anos para pagamento e taxas de juros que variam de 0,5% a 4% ao ano. Jovens têm condições ainda mais facilitadas, com descontos de até 40% no valor final da dívida.

“É uma oportunidade única de acesso à terra e de iniciar a produção de forma estruturada. São condições que nenhum banco privado oferece”, pontuou o superintendente.

Outro pilar das políticas do MDA são os programas de aquisição pública. O Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) destina recursos do governo para a compra direta da produção da agricultura familiar, abastecendo entidades sociais, cozinhas comunitárias e bancos de alimentos. Apenas em 2023 e 2024, mais de R\$ 11 milhões foram repassados ao Espírito

Santo, com expectativa de novos aportes em 2025.

Já o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) garante que pelo menos 30% dos recursos destinados à merenda escolar sejam aplicados na compra de alimentos da agricultura familiar. A medida fortalece a renda dos pequenos produtores e assegura alimentação mais saudável para estudantes da rede pública.

REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA E HERANÇAS

O MDA também mantém linhas específicas para regularização fundiária, permitindo que famílias que herdaram propriedades sem documentação consigam formalizar a posse da terra. O processo, além de valorizar o patrimônio, abre portas para o acesso a crédito, aposentadoria e políticas públicas.

EXPERIÊNCIA INTERNACIONAL E DESAFIOS LOCAIS

Com formação em engenharia agrônoma e passagem acadêmica pela Alemanha, Nochang destacou que o país europeu serve de inspiração para o futuro do campo brasileiro. “Na Alemanha, a agricultura familiar é predominante e altamente técnica. A ordenha robótica, por exemplo, começou a ser usada lá nos anos 1990. Isso mostra que é possível investir em inovação sem

perder a identidade familiar da produção”, comparou.

Para o Espírito Santo, o desafio é ampliar o alcance das políticas públicas e convencer os agricultores a acessarem os programas. “Temos crédito barato, assistência técnica e terra disponível. O que falta muitas vezes é a confiança do produtor em investir. Nossa papel é levar informação, quebrar mitos e mostrar que vale a pena apostar na agricultura familiar”, concluiu.

IMPACTO SOCIAL E ECONÔMICO

Além de garantir o abastecimento interno, a agricultura familiar tem peso direto na geração de emprego e renda no Espírito Santo. Estima-se que o setor seja responsável por mais de 70% dos postos de trabalho no campo, contribuindo para a fixação das famílias nas comunidades rurais e para a preservação de tradições culturais.

Nochang reforçou que fortalecer o setor é também investir em segurança alimentar, saúde e sustentabilidade. “Quando a agricultura familiar cresce, todos ganham: o produtor, o consumidor e o meio ambiente”, resumiu.

“A entrevista completa você pode conferir pelo QR CODE, aponte a câmera do seu celular





**Novo protocolo
revoluciona avaliação de
cafés especiais no Brasil**

ROSIMERI RONQUETTI
 jornalismo@conexaosafra.com

No primeiro semestre de 2025, a Associação Brasileira de Cafés Especiais (BSCA) e a Specialty Coffee Association (SCA) adotaram o sistema Coffee Value Assessment (CVA) como protocolo oficial de avaliação dos cafés especiais do Brasil. O Memorando de Entendimento (MoU, em inglês) estabelece um novo padrão nacional para a avaliação da qualidade.

O CVA foi desenvolvido pela SCA para avaliar não apenas o sabor, mas também atributos físicos, afetivos, descritivos e extrínsecos, ajudando produtores e compradores a se conectarem em torno do valor total do café.

O degustador internacional de cafés especiais e coordenador do laboratório de degustação da Caparaó Júnior, José Elias Alves Adão, explica que o novo protocolo, que substituiu o Protocolo da Specialty Coffee Association (SCA) usado desde 2004, tem a missão de inovar na forma de avaliar os cafés e vai além de apenas pontuar e descrever uma amostra.

“O principal objetivo é oferecer uma visão mais completa do valor do café, reconhecendo não apenas a qualidade sensorial, mas também os valores associados, como origem, sustentabilidade, certificações e a história do

produtor — fatores que agora serão ainda mais valorizados”, esclarece o especialista.

Até então, com o sistema tradicional de 100 pontos, eram avaliados apenas atributos técnicos, como acidez, doçura, corpo, finalização e uniformidade, para se chegar à nota final. Para ser considerado especial, o café precisava atingir 80 pontos. Com o novo protocolo, passam a ser feitas avaliações físicas, extrínseca, descritiva, afetiva e combinada.

“O CVA é mais amplo, tem uma avaliação mais completa. A avaliação descritiva terá um perfil sensorial mais detalhado. A avaliação afetiva é uma impressão de qualidade daquele café. Já na extrínseca — no meu ponto de vista, extremamente importante — são avaliadas a origem, as práticas susten-

táveis e as certificações daquela propriedade. Por fim, a avaliação física verifica os defeitos encontrados na amostra”, explica José Elias.

O novo protocolo só será adotado em definitivo após outubro. A supervisora comercial e degustadora da Cooperativa dos Cafeicultores do Sul do Estado do Espírito Santo (Cafesul), Graziele Machado Carrari, fez o curso e está habilitada para aplicar o protocolo.

“As notas em relação à qualidade da bebida para o produtor continuam as mesmas. O que mudou é que o degustador consegue avaliar em uma linguagem mais universal, categorizando as notas sensoriais para o comprador e também para o produtor”, aponta Graziele.

A degustadora explica ainda que, “apesar de ser recente a mudança, a cooperativa já está habilitada e o novo protocolo está sendo usado para as degustações, tanto para as exportações quanto para os produtores”.

Graziele Machado Carrari fez o curso e está habilitada para aplicar o protocolo



ARQUIVO PESSOAL

AVALIAÇÃO

Rodrigo Fernandes, responsável pela Unidade de Referência de Cafés Especiais de Alto Rio Novo, acredita que o CVA vai melhorar a avaliação dos cafés, especialmente o conilon.

“Para o conilon vai ser muito bom. Antes, o arábica entrava na competição com 30 pontos e eram tirados os defeitos. O conilon entrava com 20 pontos. Agora vai ser um protocolo só para os dois cafés. Até então, o conilon era julgado pela doçura, e o arábica já entrava com 10 pontos de doçura. Agora, os dois entram em igualdade e será considerada a doçura tanto de um quanto do outro”, explica Rodrigo.

As melhorias chegam também aos concursos de cafés especiais, que passam a ser feitos por meio do protocolo combinado, que é a junção do descritivo com o afetivo, de onde sairá a pontuação, como no antigo protocolo.

“Acredito que, para os concursos, vai melhorar muito. Café que era 79,75 e 80, uma diferença enorme comercialmente falando — porque um era café especial, o outro era bebida dura —, isso vai deixar de existir. Teremos café tipo 75 ou 80. Os cafés que são bons subirão de pontuação e os que não são tão bons vão diminuir, mas todos os cafés terão pontuação, não somente o café especial”, ressalta.

Ainda conforme o especialista, o novo protocolo também vai ajudar no entendimento das pessoas sobre o que é um café de qualidade. “O conceito de café especial mudou. Antigamente, os cafés especiais eram os que atingiam acima de 80 pontos. Agora, segundo o protocolo, o café especial é aquele que traz a experiência. É um protocolo que, por exemplo, permite até a um leigo entender melhor por que o produtor considera determinado café como especial.”

COM A PALAVRA, OS PRODUTORES

Já para os produtores, Rodrigo afirma que o novo método vai agregar mais valor aos cafés. “Agora o café conta a história do produtor e a história do produtor com o café. Tenho certeza de que a valorização para o produtor será maior.”

Alcy Rinell Firmino Marçal, de Córrego Alto, São José, em Mantenópolis, cresceu vendo o pai trabalhar para melhorar a qualidade dos cafés que produzia no sítio

ARQUIVO PESSOAL



Rodrigo Fernandes acredita que o CVA vai enriquecer a avaliação dos cafés, especialmente o conilon

da família e hoje segue o mesmo caminho. Conta que, por se tratar de algo novo, sempre gera um certo desconforto, mas acredita que o protocolo veio para beneficiar os produtores de cafés de qualidade.

“No primeiro momento, a gente fica um pouco desconfortável por ser um novo protocolo, mas creio que vai ser de grande valia para os nossos cafés. Vai valorizar a história do café e do produtor, que muitas vezes não tem seu trabalho reconhecido. Agora, com o novo protocolo, a identidade da propriedade e do produtor vai aparecer mais no café”, observa o produtor.

A família da engenheira agrônoma Ariadna Passamani Benicá produz cafés de qualidade em São Rafael, interior de Linhares. A jovem, recém-formada em agronomia, também fez o treinamento do novo protocolo. Para ela, o CVA deixa as avaliações mais técnicas e menos subjetivas, além de apontar vantagens do novo método.

“O CVA tem várias formas de identificação e menos chances de os avaliadores aumentarem notas para os cafés preferidos e serem injustos com os demais, ou ainda inventarem características irrealis para o café. Outra vantagem é a maior facilidade de dialogar com os mercados, devido à forma como foi estruturada a avaliação descritiva”, destaca.

COOPERATIVAS transformam realidades

EM TODO O BRASIL

No país, mais de 4.300 cooperativas fazem parte de um modelo de negócio coletivo que transforma a vida das pessoas.



Conheça essas iniciativas e veja como é possível fazer diferente.



Ano Internacional das Cooperativas



Sistema OCB/ES
FECOOP/SULENE | OCIB/ES | SESCOOP/ES
somoscoop

**John Adão**

21 99903 5201
Instagram: @jornaldojohn

MAIS CAPIXABA DO QUE NUNCA: A MAGIA DA FEIRA DOS MUNICÍPIOS

Uma realidade que vem crescendo no meu coração: quanto mais eu conheço o Espírito Santo, mais apaixonado eu fico pelo nosso estado.

Estou seriamente pensando em tatuar “trabalha e confia” como minha primeira tatuagem no ombro esquerdo... O que você acha?

Bom, vamos para um assunto que não desagrada profundamente minha mãe: a Feira dos Municípios.

Durante os dias 3 a 6 de julho, o Pavilhão de Carapina, na Serra, se tornou um resumo do Espírito Santo: onde todos os 78 municípios levaram o “suco” do seu turismo, produtos da terra e atrações culturais.

Foi minha primeira vez no evento, que teve sua primeira edição em 1979 e está em vias de se tornar patrimônio cultural do estado.

Nas próximas linhas, tento contar um pouco da magia do que acontece nesses dias.

Nosso estado é dividido em 10 macrorregiões turísticas que, dentro do evento, são separadas em setores. Em cada setor, os municípios dessa região são representados em estandes onde cada um tem liberdade para mostrar o seu melhor.

Ao entrar no pavilhão, nos damos conta de uma verdade sobre o nosso estado: territorialmente somos até pequenos se compararmos com outros estados brasileiros, mas quando falamos de cultura e diversidade, somos gigantes.

Essa percepção é inevitável e eu garanto que seu olhar para o mapa do Espírito Santo nunca mais será o mesmo.

E rola muita coisa boa: 60 manifestações culturais, 22 shows com artistas capixabas, praça de alimentação, parque de diversões, experiências sensoriais, premiação para o município com o melhor estande... Tudo em mais de 40 horas de evento.

Imagina você no meio da feira e chega uma apresentação de congo. Logo depois, uma tarantela italiana soa do outro lado do pavilhão. E, um pouco depois, você

RUAN KLEN



acompanha um casamento pomerano. Tudo junto e misturado. E que mistura!

A verdade é que a Feira dos Municípios tem um efeito incrível, como de uma bebida mágica que eu vou fazer questão de provar todos os anos.

Tô aqui pensando em como posso descrever esse sentimento... É como um cansaço sensorial positivo: estímulos, informações, sons e cores por todos os lados. Você sai maravilhado e até um pouco atordoado, mas no sentido bom, sabe? A Feira dos Municípios causa o que irei chamar de “ressaca cultural do amor capixaba”!

E apesar dos muitos produtos que podemos

experimentar e comprar nos estandes – cafés, chocolates, cervejas, cosméticos, cachaças (só lembrando dos que começam com a letra “c”) – se tem uma coisa que todos levamos na sacola ao sair do pavilhão é orgulho.

Impossível não ter uma dose a mais dessa sensação ao ver nosso estado unido e representado de maneira tão única e diversa pelo nosso povo.

Se você já participou, sabe exatamente do que estou falando. Mas se ainda não foi, se programe para levar sua família nessa viagem por nossas riquezas capixabas. E pode ter certeza que vai me encontrar por lá!

Você pode estar se perguntando: “Mas John, esqueceu que está em

uma revista do agro capixaba, meu filho?".

E eu te confesso que cheguei à Feira dos Municípios pensando que usaria somente as lentes do turismo e da cultura, mas eu não poderia estar mais enganado. Ao chegar no pavilhão, o agro tirou meus óculos pré-formulados sobre o que eu pensei que encontraria e falou: "Você nem precisa deles para me enxergar em tudo por aqui!".

Amigo(a) leitor(a), como somos fortes no turismo rural e como nosso agro forma grande parte da força da nossa cultura e define nossos melhores destinos.

Temos sim cidades lindas, muito valor urbano; mas é na poeira que sobe das estradas de chão de cada um dos municípios que se descortinam nossos tesouros.

A Feira dos Municípios é um grande caldeirão de alegria e orgulho que borbulha no nosso povo, onde cada município capixaba é um ingrediente único e insubstituível.

E o resultado dessa receita é muito mais do que moqueca, é muito mais do que um ponto turístico. Tem sabor de força, tradição e inovação – tudo no mesmo prato.

Feliz de quem provou, feliz de mim que raspei até o fundo do prato.

Sai desse evento sabendo que, quando nos unimos em verdade e amor, juntando nossas forças, é que percebemos como somos incríveis na união da diversidade.

Nossa passagem pela Feira dos Municípios virou episódio da nossa websérie Conexão Safra na Estrada – onde a gente conta e mostra o melhor do Espírito Santo, com o apoio do nosso patrocinador Banesfes. Quer sentir essa "ressaca cultural do amor capixaba" em vídeo?

Confira o episódio no nosso Instagram @conexaosafra e embarque nessa viagem com a gente.

O episódio completo do Conexão Safra na Estrada você pode conferir pelo QR CODE. Aponte a câmera do seu celular.



Sua Estrela está na Vitória Motors Mercedes-Benz.

Aproveite as condições especiais para Produtor Rural e CNPJ ou bônus na troca do seu seminovo*

*Consulte condições.



Tarifaço dos EUA atinge agro capixaba e pressiona exportações

FERNANDA ZANDONADI
jornalismo@conexaosafra.com

No início de agosto, entraram em vigor as tarifas de 50% impostas pelos Estados Unidos sobre 35,9% das exportações brasileiras destinadas ao mercado norte-americano. A medida afeta 4% do total das exportações do Brasil. Entre os produtos atingidos pela sobretaxa estão café, gengibre, pimenta-do-reino, mamão e pescado, itens de grande relevância para o agronegócio capixaba, além de outras frutas e carnes, que fazem parte do portfólio de exportação nacional.

"As exportações de ovos, gengibre e pescados foram as mais prejudicadas no mês de agosto em relação a julho deste ano. O setor de ovos praticamente estagnou com a nova barreira tarifária. Já o gengibre sofreu forte redução de vendas para os Estados Unidos em agosto, com queda de um terço das divisas geradas. As exportações de pescados, que estavam com ótimo desempenho até julho para os norte-americanos, principal mercado desse segmento, tiveram uma retração significativa de 41% em agosto, não suportando a ampliação da tarifa imposta de 50%" explicou Enio Bergoli, secretário de Estado da Agricultura, Abastecimento, Aquicultura e Pesca do Espírito Santo, em meados de setembro, quando foram divulgados os números das exportações capixabas.

CAFÉ: BUSCA POR ALTERNATIVAS

O café, carro-chefe do agronegócio capixaba, foi um dos mais afetados, especialmente o café solúvel, cuja matéria-prima é o conilon, principal atividade agrícola do estado. Cerca de 40% das exportações de café solúvel têm os EUA como destino, mercado que consome um terço do



café brasileiro e é o maior consumidor mundial. "O tarifaço não é um problema só nosso, é deles também, já que 2,2 milhões de empregos nos EUA depende do café brasileiro", destaca Enio.

As empresas, tradicionais e consolidadas, confiam na capacidade de adaptação, promovendo negociações diretas com parceiros norte-americanos para dividir os custos da tarifa. A longo prazo, o setor planeja sentar à mesa para negociar,

cadeia por cadeia. Redirecionar o café para outros mercados é desafiador, devido ao terroir único e aos blends específicos demandados pelas indústrias americanas, mas a solidez das relações comerciais históricas alimenta esperanças de equilíbrio.

CACAU

As exportações brasileiras de derivados de cacau para os Estados Unidos sofreram forte queda em agosto, após a entra-

da em vigor do tarifaço que impôs alíquota de 50% sobre os produtos nacionais a partir do dia 6. Segundo a presidente executiva da Associação Nacional das Indústrias Processadoras de Cacau (AIPC), Anna Paula Losi, os embarques totalizaram US\$ 6,3 milhões em agosto de 2025, contra US\$ 11,7 milhões no mesmo mês de 2024 — retração de 46% em valor. Em volume, a redução foi ainda mais acentuada: de 837 toneladas para 380 toneladas, queda de 55%.

Anna Paula lembra que, ao contrário do café — em que o Brasil é fornecedor estratégico para o mercado global —, os compradores norte-americanos contam com alternativas para adquirir derivados de cacau de outros países. “Não há risco imediato de inflação ou desabastecimento no mercado norte-americano, o que enfraquece a urgência de negociações específicas para o cacau”, explicou.

PESCA: SETOR PARADO

O setor pesqueiro capixaba enfrenta uma situação crítica, com 98% das exportações de atum, meca e outros peixes oceânicos destinadas aos EUA. Sem alternativas viáveis, já que a Europa está bloqueada por questões sanitárias e a Ásia é pouco competitiva, a pesca oceânica está praticamente paralisada. As embarcações, que custam entre R\$ 120 mil e R\$ 140 mil por saída de 15 a 20 dias, não estão saíndo para pescar. A única esperança é a abertura do mercado inglês que, após o Brexit, poderia absorver parte da produção. O setor pressiona o governo brasileiro para articular essa possibilidade.



Enio Bergoli, secretário de Estado da Agricultura, Abastecimento, Aquicultura e Pesca do Espírito Santo

PIMENTA-DO-REINO: INVESTIMENTOS EM XEQUE

A pimenta-do-reino, com 25% das exportações capixabas redirecionadas aos EUA via Vietnã e Índia, sofre com a tarifa de 50% aplicada à origem brasileira. Oficialmente, apenas 1% vai diretamente aos EUA, mas o impacto indireto é significativo. Recentemente, o setor investiu em esterilizadores, como o já operacional em Linhares, para retomar exportações diretas, superando problemas com salmonella. A tarifa, porém, frustra esses planos. Como alternativa, produtores propõem reduzir a tarifa de 30% para a China, equiparando-a ao Vietnã, para ganhar competitividade.

GENGIBRE: AGRICULTURA FAMILIAR EM RISCO

O gengibre, essencial para a agricultura familiar capixaba, exportou 58% de sua produção para os EUA no primeiro

semestre, caindo para 33-34% no ano. A China, maior produtora mundial, não é uma alternativa viável. “Sem acesso a novos mercados, corremos o risco de inabilitar esse cultivo”, alerta Bergoli.

Em julho, o Espírito Santo exportou US\$ 4,4 milhões (3,1 mil toneladas) para todos os países com exceção dos EUA. Já em agosto, as vendas caíram para US\$ 3,5 milhões (-20,5%) e 2,5 mil toneladas (-19%). Para os EUA, a queda foi ainda mais forte: de US\$ 2 milhões (1,5 mil toneladas) em julho para US\$ 1,1 milhão (1 mil toneladas), uma retração de 33% no volume e 45% no valor.

MAMÃO: RISCO PARA O MERCADO INTERNO

O Espírito Santo, maior exportador de mamão do Brasil, com 45% das exportações nacionais, envia 10 a 14% de sua produção aos EUA, sendo o único estado brasileiro a acessar esse mercado. A tarifa pode desestabilizar o mercado interno, pois a produção não exportada pode saturar o mercado doméstico, derrubando preços e afetando até pequenos produtores que não exportam. Para mitigar o impacto, o setor propõe flexibilizar a instrução normativa do Ministério da Agricultura, que eleva os custos de exportação, e dividir os custos da tarifa com compradores americanos durante a transição.

Agrinho 2025: parceria de grandes instituições reforça a educação no meio rural

FOTO DIVULGAÇÃO



SEBRAE, SESC, SICOOB E SISTEMA OCB IMPULSIONAM A EDIÇÃO DO PROGRAMA DO SISTEMA FAES / SENAR-ES

A cerimônia de encerramento do Programa Agrinho está cada vez mais próxima. No fim do próximo mês (30 de outubro) serão anunciados os vencedores — dentre alunos e profissionais — das escolas participantes. Porém, o trabalho não começa só agora. O Sistema Faes / Senar-ES / Sindicatos Rurais conta com parcerias que engajaram na iniciativa desde o início do ano.

Com o apoio do Sebrae, Sesc, Sicoob e Sistema OCB, o Agrinho do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural do Espírito Santo (Senar-ES) segue sendo uma das principais

iniciativas de educação e cidadania no meio rural. Por meio dele são beneficiados milhares de estudantes de todo o território capixaba.

A analista técnica do Senar-ES e responsável pelo Programa Agrinho no estado, Thais Tonani, ressalta a importância dos parceiros para a iniciativa.

“A presença e o apoio dos patrocinadores são fundamentais para que o Agrinho alcance cada vez mais a excelência em seu trabalho. São eles que ajudam a transformar ideias em oportunidades reais de aprendizagem e cidadania, além de contribuírem diretamente com a formação de educadores.

Dessa forma, garantem a continuidade e a força do programa no Espírito Santo”, afirma.

Durante todo o ano, equipes das escolas rurais mergulharam de cabeça nos projetos voltados ao tema anunciado para a edição de 2025: ‘Tecnologia que transforma o campo’.

As categorias disputadas são de Produções de Texto, Desenhos e Educação Especial, levando em consideração a idade dos participantes, de 4 a 16 anos. Além dos projetos administrados por professores, coordenadores municipais e pedagogos de escolas públicas municipais.

Os prêmios para os alunos vencedores incluem bicicletas, computadores, celulares, entre outros. Enquanto os profissionais podem também concorrer a dois carros e duas motocicletas.

PROGRAMA AGRINHO

O programa de responsabilidade social une educação, cidadania e sustentabilidade no campo, fortalecendo a qualidade da educação rural e contribuindo para a formação de novas gerações.

Na edição de 2024, mais de 100 mil alunos e 7 mil educadores de 700 escolas, em 62 municípios capixabas, se envolveram nos mais diversos projetos.

**INCÊNDIO FLORESTAL É
CRIME
E AFETA MUITAS VIDAS.**

**AÇÕES NEGLIGENTES PODEM
CAUSAR GRANDES INCÊNDIOS.**

**SEJA CONSCIENTE:
EVITE FOGO EM ÁREAS PRÓXIMAS
A RODOVIAS E FLORESTAS.**

**DISQUE
181
E DENUNCIE**

UM ESTADO MELHOR
A CADA DIA.



**GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO**

AGRINHO 2025

TECNOLOGIA
que **transforma** o campo

O maior programa de responsabilidade social do meio rural está transformando a educação no Espírito Santo!

Realizado pelo Senar-ES, em parceria com a Faes, Sindicatos Rurais, Prefeituras e Secretarias Municipais de Educação, professores e alunos vivem experiências que conectam campo, cidadania e sustentabilidade.



CONHEÇA NOSSO SISTEMA
E FAÇA PARTE DESSA
MUDANÇA!

REALIZAÇÃO



APOIO

